

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E ATITUDES
EM JOVENS DO 3º CICLO DA ESCOLA DO CERCO:
IMPLICAÇÕES PARA A PREVENÇÃO**

Bárbara Ramalheira Rocha

Outubro 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pelo Professor Doutor Jorge Negreiros
(F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Ao Professor Jorge Negreiros, por dois anos de acompanhamento, transmissão de sabedoria, e um grande processo de aprendizagem, que dão os seus frutos nestas páginas.

À minha família, pai, mãe e João, pelo carinho de todos os dias, por me apoiarem ao longo dos cinco anos deste curso e pela força nesta fase final.

Aos meus amigos, Patrícia, Carina, Dani, Sandra, Diva, Isabel, Sérgio, Joana, Célia, Sofia, e Sara, porque juntos partilhamos dos melhores momentos da vida, com um obrigada especial ao Miguel e à Paula pela ajuda significativa, ao Zé e à Céline pela revisão do abstract e do résumé!

À Escola Básica e Secundária do Cerco, em primeiro lugar ao Sr. Diretor, Manuel António Oliveira, pela boa receção e autorização do estudo; à Professora Helena Garcia, pela ajuda incansável nos procedimentos de recolha de dados; à Professora Virgínia, um contacto essencial; a todos os professores que colaboraram e cederam as suas aulas; e aos alunos que participaram, tornando o meu projeto possível.

Resumo

O consumo de substâncias psicoativas pelos jovens em Portugal é uma realidade atual e preocupante. O estudo das atitudes enquanto fator que influencia o comportamento é importante para a compreensão das condições que levam aos consumos, e fornecer pistas de prevenção assentes numa base científica e ações focalizadas a determinados grupos de indivíduos, em contextos particulares.

Este trabalho procurou caracterizar os padrões e prevalências de consumo, e estudar as atitudes face ao tabaco, álcool e outras drogas, de jovens estudantes no Bairro do Cerco, uma zona desfavorecida da cidade do Porto, tentando identificar necessidades de prevenção. As variáveis abordadas foram o género, a idade, os consumos, o insucesso escolar, o grupo de pares, e a família, em relação às atitudes, colocando-se várias hipóteses de investigação, seguidas por uma exploração mais aprofundada.

Foi utilizada uma amostra de 116 sujeitos, do 7º e 9º ano de escolaridade. Recorreu-se a uma dupla metodologia de investigação, com um instrumento quantitativo de autorrelato, constituído pela caracterização sociodemográfica, dos consumos e a medição das atitudes em relação às substâncias psicoativas, e um instrumento qualitativo, o focus-grupo, com uma amostra de seis participantes. Os dados foram sujeitos a análise estatística e análise de conteúdo.

Os resultados indicam que as prevalências de consumo são mais baixas que os valores nacionais, apontando para a resiliência destes jovens face às atribuições negativas ao bairro, exceto no caso do álcool. Contrariamente ao esperado, não existem diferenças entre géneros, nem entre anos de escolaridade, indicando um fenómeno de igualização. Constata-se que os jovens consumidores comportam atitudes mais favoráveis em relação às substâncias psicoativas, apresentando crenças legitimadoras dos consumos, exceto na cannabis. Da mesma forma, os adolescentes que já reprovaram apresentam atitudes mais favoráveis, sendo urgentes intervenções da escola. A influência do grupo de pares não é determinante de atitudes favoráveis nestes sujeitos, e o contexto familiar não se mostra tão protetor como esperado, tornando-se importante o trabalho com as famílias. De forma geral, esforços de prevenção mostram-se úteis e necessários para potenciar um desenvolvimento mais saudável destes jovens.

Palavras-Chave: Consumo de substâncias psicoativas; Atitudes; Jovens; Bairro do Cerco; Prevenção.

Abstract

The use of drugs by youth in Portugal is a current and worrying reality. The study of attitudes as a factor that influences behavior is important for understanding conditions that lead to consumption, and providing clues for prevention, based on a scientific bases and targeted actions focalized to certain groups of individuals in particular contexts.

This study aimed to characterize the prevalence and patterns of consumption, and to study attitudes toward tobacco, alcohol and other drugs, of young students located in a deprived area of Oporto city, the Cerco State, trying to identify prevention needs. The variables addressed were gender, age, consumption, school failure, peer group and family, in relation to attitudes, placing several research hypothesis followed by further investigation.

A sample of 116 subjects was used, from seventh and ninth grade. We used a dual research methodology, with a self-report quantitative instrument, consisting in sociodemographic indicators, measurement of consumption and attitudes toward psychoactive substances, and a qualitative instrument, a focus-group, with a sample of six participants. The data was subjected to statistical analysis and content analysis.

The results indicated that the prevalence of use is lower than the national values, which point to the resilience of these youth, dealing with the neighborhoods' negative attributions, except for alcohol. Contrary to hypothesized, there are no differences between gender and school year, pointing to an equalization phenomenon. Consumers have more favorable attitudes toward psychoactive substances, with beliefs legitimating consumption, except for cannabis. Likewise, teens who had failed some school year have more positive attitudes, with school interventions being urgent. Peer group influence isn't determinant of favorable attitudes, and family context is not as protective as expected, so it's important to work with families. Overall, prevention efforts are useful and necessary to enhance a healthier development of youth.

Key-Words: Use of drugs; Attitudes; Youth; Cerco State; Prevention

Résumé

L'utilisation de substances psychoactives par les jeunes au Portugal est une réalité actuelle et préoccupante. L'étude des attitudes comme un facteur qui influence le comportement est important pour comprendre les conditions qui entraînent à leur utilisation, et donner des pistes pour la prévention sur une base scientifique et des actions ciblées pour certains groupes d'individus dans des contextes particuliers.

Cette étude visait à caractériser la prévalence et les modes d'utilisation ainsi que les attitudes envers le tabac, l'alcool et autres drogues, de jeunes étudiants dans la banlieue Le Cerco, un quartier défavorisé de Porto, afin d'identifier les besoins en matière de prévention. Les variables abordées sont: le sexe, l'âge, la consommation, l'échec scolaire, le groupe de pairs et la famille, en relation aux attitudes. Nous avons essayé plusieurs hypothèses de recherche, suivie d'une exploration plus approfondie.

Un échantillon de 116 sujets a été utilisé, de la septième et la neuvième année de scolarité. Nous avons utilisé une méthodologie de recherche duale, avec un instrument quantitatif d'autorapport, composé de données sociodémographiques, l'utilisation de drogues et la mesure des attitudes envers les substances psychoactives, et d'un instrument qualitatif, les focus-groupe, avec un échantillon de six participants. Les données ont été soumises à analyse statistique et analyse de contenu.

Les résultats indiquent que la prévalence de l'utilisation de substances psychoactives est inférieure aux chiffres nationaux, qui pointent à la résilience de ces jeunes avec les attributions négatives de la banlieue, sauf pour l'alcool. Contrairement aux hypothèses, il n'y a pas de différences entre les sexes ou entre les années de scolarité, pointant pour un phénomène d'égalisation. Il semble que les jeunes consommateurs se comportent plus favorablement envers les substances psychoactives, avec croyances légitimant leur utilisation, sauf pour le cannabis. De même, les adolescents qui ont échoué ont des attitudes plus favorables, avec l'urgence d'interventions au sein de l'école. L'influence du groupe de pairs n'est pas un facteur déterminant des attitudes favorables sur ces sujets, et le contexte familial n'est pas aussi protecteur que prévu, alors il est important de travailler avec les familles. Globalement, les efforts de prévention sont utiles et nécessaires pour améliorer le développement sain des jeunes.

Mots-Clés: Utilisation de substances psychoactives; Attitudes; Jeunes; banlieue Le Cerco; Prévention

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Teórico.....	2
1.1. Consumo de substâncias psicoativas nos jovens.....	3
1.2. Atitudes em relação às substâncias psicoativas.....	6
1.2.1. Conceito de atitude.....	6
1.2.2. Atitudes e consumo de substâncias psicoativas	7
1.2.3. Influências do grupo de pares	9
1.2.4. Influências do contexto familiar	11
1.2.5. Insucesso Escolar	13
1.3. Prevenção do consumo de substâncias psicoativas nos jovens	14
1.4. Contexto: O Bairro do Cerco do Porto	17
II. Estudo Empírico	18
2.1. Objetivos e hipóteses de investigação	19
2.1.1. Objetivos de investigação	19
2.1.2. Hipóteses de investigação.....	20
2.2. Metodologia	21
2.2.1. Participantes	21
2.2.2. Instrumentos	22
2.2.2.1. Pesquisa quantitativa.....	22
2.2.2.2. Pesquisa qualitativa	24
2.2.3. Procedimentos	25
2.3. Apresentação e discussão dos resultados.....	27
2.3.1. Análise e discussão quantitativa	27
2.3.1.1. Análise e discussão descritiva	27
2.3.1.2. Análise e discussão diferencial.....	30
2.3.1.2. Análise e discussão da correlação	33
2.3.2. Análise e discussão qualitativa	36
Síntese Integrativa dos dados	39
Considerações finais	40
Referências bibliográficas	43
Anexos.....	51

Índice de Abreviaturas

A.T.O.D. – Álcool, Tabaco e Outras Drogas

E.S.P.A.D. – European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs

I.D.T. – Instituto da Droga e da Toxicodependência

I.N.M.E. – Inquérito Nacional em Meio Escolar

P.L.V. – Prevalência ao longo da vida

P12M – Prevalência nos últimos 12 meses

P30D – Prevalência nos últimos 30 dias

Índice de Quadros

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra 22

Quadro 2 – *Alpha* de Cronbach 24

Quadro 3 – Matriz de correlações Momento-Produto de *Pearson* entre a percepção de consumos de tabaco, álcool e drogas dos pares e as atitudes dos jovens face às mesmas substâncias 34

Quadro 4 – Matriz de correlações Momento-Produto de *Pearson* entre a percepção da interação com os progenitores e as atitudes dos jovens face ao tabaco, álcool e drogas 35

Índice de Anexos

Anexo 1 – Instrumento quantitativo	52
Anexo 2 – Guião Focus-Grupo	62
Anexo 3 – Grelha de Análise de Conteúdo	64
Anexo 4 – Pedido de autorização para realização do estudo	67
Anexo 5 – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação – estudo quantitativo...	68
Anexo 6 – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação – estudo qualitativo.....	69

Introdução

O uso e abuso de substâncias psicoativas pelos jovens é atualmente uma preocupação ao nível da saúde pública, assim como as consequências associadas (Vilela, Macho & Almeida, 2011). Portugal, apesar de não se encontrar entre os países com maior incidência de consumos na adolescência, tem assistido a algumas variações nas prevalências de consumo de drogas dos jovens ao longo dos anos, com o álcool a ocupar sempre um papel central, tornando esta uma realidade preocupante. Deste modo, é importante compreender o fenómeno no seu todo, não só o ato de consumo, mas tudo o que o acompanha antes, durante e depois.

O comportamento de consumo é resultado de uma interação entre características individuais do adolescente e influências do seu sistema de referência (Farate, 2001). Assim, um dos aspetos pessoais mais importantes, com uma possível correspondência comportamental são as atitudes, e no plano social o sujeito tem em seu redor domínios preponderantes como a escola, o grupo de pares e a família.

A exploração das relações entre as prevalências de consumo de substâncias psicoativas nos jovens, as atitudes subjacentes e os fatores de socialização reveste-se de uma importância fundamental na área do comportamento desviante em Psicologia. Nesta fase podem-se identificar as melhores condições de intervenção a vários níveis, no sentido de evitar a iniciação a uma conduta de consumo e a escalada para problemas posteriores. Além disso, as investigações têm enfatizado a importância de ter em conta as características do meio em que o jovem se insere, havendo uma crescente consciência da necessidade de intervenções específicas para diferentes grupos de jovens (Gilvarry, 2000), tomando em consideração o contexto psicossocial e sociocultural em que os adolescentes vivem e se movimentam (Farate, 2001).

Recorrendo a uma dupla metodologia de investigação, e tendo como objeto de estudo principal as atitudes em relação às substâncias psicoativas, este trabalho pretende contribuir de forma científica para melhorar a compreensão do fenómeno do consumo de tabaco, álcool e outras drogas entre jovens inseridos numa escola de um bairro social desfavorecido da cidade do Porto. Procura-se identificar necessidades de intervenção com vista a modificar atitudes numa direção consistente com a não utilização de drogas (Negreiros, 1993), ajudando os jovens a atravessar o período da adolescência de forma saudável, evitando possíveis danos provocados por uma trajetória de consumos.

Capítulo I
Enquadramento Teórico

1.1. Consumo de substâncias psicoativas nos jovens

O consumo de substâncias psicoativas nos jovens, e particularmente na fase da adolescência tem recebido um enfoque especial pela investigação ao longo das últimas décadas. Esta etapa da vida coloca inúmeros desafios únicos ao ser humano, pelas mudanças que se verificam nos vários níveis do desenvolvimento biopsicossocial. De facto, as alterações da adolescência possibilitam uma maior diversidade de experiências, que podem representar fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento (Naia, Simões & Matos, 2007), e uma dessas atividades pode ser a experimentação de substâncias (Musher-Eizenman, Holub & Arnett, 2003; Matos, 2008). O jovem defronta-se com mudanças físicas, com a puberdade; psicológicas, com a emergência do pensamento abstrato, novos interesses, formas de estar e se comportar (Gilvarry, 2000), assim como um maior envolvimento na procura de uma identidade (Farate, 2001); e sociais, afastando-se do núcleo familiar que até aí exerceu uma influência primordial e controlou as ações do jovem, para se autonomizar progressivamente juntos dos pares. Por todos estes fatores, os autores argumentam que o consumo de substâncias psicoativas na adolescência deve ser entendido no quadro global do processo de desenvolvimento do jovem (Feijão, 2010).

O envolvimento numa conduta de uso de álcool, tabaco e outras drogas tem vindo a verificar-se como tendo início em idades cada vez mais precoces, antes dos 11 anos (Farate, 2001; Knight et al., 1999), com consequências que abrangem um largo espectro, por exemplo insucesso e abandono escolar, delinquência, interferência com os processos cognitivos, e em última instância a mortalidade, com acidentes ou suicídio (Gilvarry, 2000; Hawkins, Catalano & Miller, 1992). No entanto, não podemos deixar de considerar a elevada proporção de jovens que, tomando o consumo de substâncias como parte das suas vivências, não experimenta consequências a um grau de gravidade que os torne sinalizados, sendo importante definir estratégias de abrangência diferentes conforme cada situação.

É com vista à elaboração de planos para lidar com este fenómeno nos jovens, que são desenvolvidos estudos epidemiológicos por todo o mundo, principalmente em contexto escolar, instituição onde é possível aceder a mais adolescentes. Ao nível europeu, o ESPAD (Hibell et al., 2009), é realizado a cada quatro anos, e os últimos dados, referentes a 2007, analisaram o consumo de substâncias psicoativas, em mais de cem mil adolescentes de 35 países. Com uma média de idades de 15.8 anos, em relação ao consumo de tabaco, os dados indicam que 58% dos sujeitos já consumiu tabaco pelo menos uma vez

ao longo da vida (PLV), e no último mês (P30D) 29% dos jovens tinham fumado pelo menos uma vez. No que respeita ao consumo de álcool, cerca de 66% dos estudantes já experimentaram, e no último ano (P12M), 82% dos jovens consumiram algum tipo de bebida alcoólica. Já em relação ao consumo nos últimos 30 dias, 61% dos jovens efetuou consumos de álcool. De salientar que, apesar de este valor ser elevado e de ter vindo a aumentar desde o primeiro estudo em 1995, verificou-se uma diminuição em 2007. O estudo do consumo de álcool também avalia a prevalência de episódios de embriaguez, pelo que cerca de metade (50%) dos sujeitos experimentou este estado pelo menos uma vez ao longo da vida, e ainda de referir os dados relativos ao *binge-drinking* (consumo excessivo representado pela frequência de consumo de cinco ou mais bebidas alcoólicas no último mês), com uma prevalência de 43%, mais alta nos rapazes.

Por último, aparece o consumo de drogas ilícitas, dando-se ênfase ao consumo de cannabis, por ser o mais frequente. Assim, os resultados indicam que 19% dos estudantes já experimentou cannabis, e no último ano 14% consumiu, havendo uma frequência de consumo inferior à PLV em relação ao último mês, de 9% para os rapazes e 6% para as raparigas. De uma forma geral, o consumo de drogas ilícitas tem sofrido variações ao longo do tempo, com uma prevalência de experimentação de 18% em 2007, em comparação com 21% em 2003 e 12% em 2005.

O mesmo relatório do ESPAD refere como principal resultado nas tendências de consumo em Portugal, o facto de as proporções serem bastante mais baixas por comparação com os outros países da Europa. Assim, em relação ao tabaco, a prevalência de consumo dos jovens no último mês é de 19%; de álcool no último ano é de 79%, situando-se muito perto da média europeia; os episódios de embriaguez nos últimos 12 meses têm uma prevalência de 26%, e em relação a outras substâncias, temos a cannabis com uma baixa prevalência ao longo da vida em relação à média europeia, 13%, e outras drogas 6%, o que se situa próximo da média europeia.

É importante referir outros estudos realizados no país, no sentido de compreender a evolução do fenómeno de consumo de drogas entre os jovens estudantes. Farate (2001) efetuou uma revisão de literatura em que referiu a primeira investigação epidemiológica realizada em Portugal, por Mendonça e colaboradores (1978), numa amostra de 2923 jovens, tendo encontrado uma prevalência global de 4.8% para o consumo de drogas.

Atualmente temos o INME, desenvolvido pelo I.D.T., tendo como população alvo alunos do ensino regular público do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário (cursos gerais e tecnológicos), com o objetivo de descrever a dimensão e características do

fenómeno do consumo de substâncias psicoativas. O estudo está distribuído por vários trabalhos de síntese, como se pode verificar de seguida.

Os dados relativos a 2001 (Feijão & Lavado, 2003a), que abrangeram 24.000 alunos do 3º ciclo distribuídos geograficamente, indicaram em relação às drogas que 14% dos jovens já tinha experimentado alguma droga, 10% tinha consumido recentemente (P12M) e 6% reportou um consumo atual. Se verificarmos a prevalência do consumo de cannabis, encontrou-se respetivamente 10%, 8% e 6%, o que, segunda as autoras traduz diferenças entre os valores de prevalência de consumo desta droga muito menores do que o habitual em Portugal. Em comparação, na zona do Grande Porto, 6% dos alunos já experimentaram cannabis, e 9% outra droga, verificando-se assim valores mais baixos em relação à média nacional.

No que concerne ao consumo de tabaco no inquérito que abrangeu 18.000 alunos dos 13 aos 18 anos (Feijão e Lavado, 2003b), verifica-se um aumento exponencial dos consumos com a progressão na idade, sendo que aos 13 anos, 29.4% dos alunos já tinha experimentado tabaco, aos 14 anos, 42.3%, e aos 15 anos o valor sobe para 55.3%. Os dados da prevalência de consumo regular são mais baixos, respetivamente 7.5%, 15% e 23.4%, no entanto verificando-se a mesma tendência. Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, dos 13 para os 15 anos a prevalência de experimentação aumenta 30% (de 47.2% para 77.2%), e o consumo recente aos 13 anos regista-se nos 30%, aos 14 anos nos 43.3% e aos 15 anos nos 54%, havendo diferenças baixas entre os géneros. Quanto ao consumo de outras drogas, os valores de prevalência são muito mais baixos, sendo que aos 13 anos, 4% dos jovens já experimentaram drogas, aos 14 anos 8.6% e aos 15 anos 13.6%, sendo os valores de consumo recente 2.8%; 4.8% e 6.5%, respetivamente, com os rapazes a consumirem o dobro do que as raparigas.

Quanto ao consumo de álcool, o inquérito de 2006 (Feijão, 2010), que compara os dados de 2001, aponta para um decréscimo de 11% na experimentação (de 67% para 60%) e um decréscimo de 2% no consumo dos últimos 12 meses (50% para 48%), salientando-se que no Norte do país houve um decréscimo de 18%, sendo também a região com menor percentagem de consumidores de álcool no 3º ciclo. A cerveja é a bebida mais consumida, tanto ao nível da experimentação como do consumo recente (P30D = 26.4%), seguida das bebidas destiladas (P30D = 20.2%). De uma forma geral, verificou-se um decréscimo da experimentação, uma manutenção dos consumos nos últimos 12 meses e um aumento do consumo regular (P30D).

Em conclusão, o consumo de drogas pelos jovens em Portugal é um facto bem presente, e embora seja reiterado que os valores se situam abaixo das médias europeias, em muitas medidas constata-se que há cada vez maior proximidade, principalmente no que toca ao consumo de álcool, com a cerveja e as bebidas destiladas a ocuparem um papel central. Além disso, é evidente o aumento alarmante dos consumos com o avançar da idade, o que fornece indicadores para uma urgente intervenção no sentido de inverter o fenómeno.

1.2. Atitudes em relação às substâncias psicoativas

1.2.1. Conceito de atitude

O conceito de atitude pertence ao campo clássico da psicologia social, embora comporte uma transversalidade de grande importância nas várias disciplinas da ciência psicológica, pois está intrinsecamente relacionado com a identidade e as condutas humanas, numa associação entre atitude e comportamento, largamente documentada.

Há inúmeras definições de atitude, a mais referida pertencente a Allport (p. 810, 1935, cit in Banaji & Heiphetz, 2010): “Um estado mental e neural de preparação, organizado pela experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica na resposta do indivíduo a todos os objetos ou situações com as quais se relaciona”. Assim, a dimensão da avaliação de um objeto é a premissa central neste constructo, que reflete uma tendência psicológica, um estado interno do sujeito e não observável, inferido através de respostas observáveis quando se solicita uma avaliação (Ajzen, 1988; Bohnet & Wänke, 2002; Eagly & Chaiken, 1998).

Consideram-se três componentes das atitudes (Eagly & Chaiken, 1998): afetiva, referente aos sentimentos subjetivos, às emoções e às respostas fisiológicas de uma atitude; cognitiva, que expressa as crenças, pensamentos e opiniões pelas quais se expressa a atitude; e comportamental, que corresponde ao processo mental e físico que prepara o indivíduo para agir de certa forma. Duas características fundamentais das atitudes são a direção, positiva ou negativa; e a intensidade, definida pela força de atração ou repulsa em relação ao objeto, que pode ser algo tangível, pessoas, grupos, ideias abstratas ou comportamentos (Neto, 1998).

De uma forma geral, pode-se considerar que as atitudes auxiliam a organização do pensamento para lidar com o ambiente complexo em que os sujeitos estão constantemente

envolvidos (Bohner & Wänke, 2002), tanto ao nível pessoal como social. Quanto à origem e formação das atitudes, há divergências entre os autores, havendo quem defenda a sua proveniência genética e as disposições inatas que vão influenciando a reação aos estímulos (idem). No entanto, discute-se sobretudo o papel das influências externas, mais próximas ou mais distantes do indivíduo, desde os progenitores e cuidadores, os amigos, a escola até aos meios de comunicação social ou às tecnologias (Banaji & Heiphetz, 2010).

1.2.2. Atitudes e consumo de substâncias psicoativas

Apesar da importância que a investigação epidemiológica apresenta, com implicações a vários níveis de intervenção, é também útil e necessário ter em conta o valor das atitudes dos adolescentes face às substâncias psicoativas, a interação destas com o seu meio envolvente e características dos jovens como género e idade. Alguns autores têm chamado a atenção para o facto de a iniciação ao consumo de substâncias ser precedida por valores favoráveis ao consumo (Hawkins et al, 1992). No entanto, esta vertente de estudos não tem sido explorada de forma consistente, sendo colocada em segundo plano, como uma variável entre muitas outras. Seguidamente são apresentados estudos empíricos que colocaram em interação atitudes e consumo de substâncias.

Negreiros (1986) efetuou um trabalho com 144 estudantes do 11º ano de escolaridade e uma média de idades de 16,6 anos, comparando a frequência do consumo de substâncias e as atitudes acerca do uso de tabaco, drogas ilícitas e álcool. Dividindo-se os sujeitos entre consumidores e não consumidores, para cada uma das substâncias, os resultados indicaram sempre uma associação entre atitudes e comportamento, exceto para a frequência de consumos de álcool comparadas com as atitudes em relação ao tabaco e drogas ilícitas. Deste modo, supôs-se que os adolescentes com atitudes mais favoráveis em relação ao consumo de substâncias psicoativas, poderiam transitar com maior facilidade para um consumo habitual, do que os jovens com atitudes mais desfavoráveis.

O trabalho de Pfingsten (1994) analisou as atitudes face ao consumo de álcool, em 191 alunos do 9º ao 12º ano, através de um questionário que avaliou atitudes, conhecimento e perceções acerca desta substância. Entre outros pontos, os resultados indicaram que os rapazes reportaram atitudes mais positivas face ao consumo, associada a um maior consumo de álcool; e os alunos de anos mais avançados apresentaram também atitudes mais permissivas. No mesmo sentido, Redetzke (1996) numa amostra de 233 alunos do 7º ao 9º ano, encontrou uma atitude mais favorável face ao álcool em sujeitos que consomem a substância.

Castrucci, Gerlach, Kaufman e Orleans (2002) estudaram adolescentes entre os 13 e os 19 anos, numa associação das suas atitudes e crenças com o consumo de tabaco, tendo os resultados indicado que atitudes positivas face ao tabaco estão associadas com maior probabilidade de vir a fumar, e os consumidores regulares reportaram atitudes mais positivas. Segundo os autores, estes dados sugerem que à medida que se progride nos estádios de consumo, as atitudes se modificam no sentido de apoiar comportamentos negativos para a saúde, podendo-se associar-se à percepção dos benefícios sociais de fumar.

Outro estudo, de Barkin, Smith e Durant (2002) examinou a forma como as atitudes dos adolescentes e as competências sociais afetam o consumo de substâncias psicoativas atual, e as intenções para consumir no futuro. Foi utilizada uma amostra de 2646 alunos do 7º ano, com a maioria dos jovens entre os 12 e os 13 anos de idade. O resultado mais importante prende-se com a associação significativa entre as atitudes positivas face ao uso de substâncias e os consumos. Além disso, os jovens consideraram que a razão principal que leva aos consumos é a conexão aos comportamentos do grupo, indicando uma crescente normalização do consumo.

Musher-Eizenman e colaboradores (2003) examinaram o papel das atitudes na predição do consumo de substâncias pelos adolescentes, utilizando uma amostra de 213 jovens dos 12 aos 15 anos, e 219 sujeitos dos 18 aos 22 anos. Os resultados indicaram que em relação ao género, os rapazes reportaram mais consumos de substâncias e mais atitudes favoráveis do que as raparigas, relacionadas com as expectativas, e os adolescentes mais velhos referiram também mais consumos e atitudes permissivas do que os mais novos.

Kelly, Comello e Edwards (2004) conduziram um estudo qualitativo através de 15 focus-grupos entre 1996 e 2004, com 169 jovens de pequenas localidades nos E.U.A., com o objetivo de investigarem os fatores mais eficazes para campanhas e materiais de educação antidrogas. Entre outras conclusões, um dos resultados chave foi a constatação de que rapazes e raparigas percebem diferentes riscos para o consumo de álcool e tabaco, o que influencia os consumos entre os géneros, sendo que as raparigas são guiadas mais pelas consequências do consumo na aparência física. Os sujeitos fumadores, quando questionados sobre as razões para consumirem, rejeitaram a noção de que se envolvem nesta conduta para demonstrarem superioridade social, indicando que os principais motivos são o aborrecimento do seu meio e a rebelião contra os pais.

De forma geral, as investigações realizadas permitem constatar que existe de facto uma associação entre atitudes e comportamento de consumo de substâncias psicoativas, transversal a diferentes grupos de indivíduos, em diferentes contextos, com atitudes mais

positivas a funcionarem como preditores do envolvimento numa conduta de utilização de drogas. Além disso, os estudos apontam para diferenças entre os géneros, com os rapazes a reportarem atitudes mais favoráveis que as raparigas, e diferenças entre a idade e ano de escolaridade, havendo uma correlação positiva entre progressão na idade e atitudes mais favoráveis face às substâncias psicoativas.

1.2.3. Influências do grupo de pares

Os pares têm sido indicados como um grupo de referência para os jovens, colocando as influências parentais em segundo plano, ao estabelecer novos padrões de comportamento para o sujeito (Krosnick, 1982). Os amigos têm um lugar privilegiado no processo de socialização, de construção da identidade e de validação de competências sociais, e é com eles que se processa uma parte fundamental das aprendizagens de atitudes e comportamentos (Chitas, 2010). Palmqvist & Santavirta (2006) referem que o consumo de substâncias na adolescência deve ser encarado como um fenómeno de grupo, parte da interação social do indivíduo.

O papel do grupo de pares é, com larga evidência, a variável mais estudada quando se trata de encontrar ligações entre o adolescente e o consumo de substâncias psicoativas. A associação a pares consumidores de tabaco, álcool ou outras drogas é apontada por vários autores como o preditor mais forte do consumo nesta fase (Kuntsche & Jordan, 2006), um fator de risco preponderante (Nation & Heflinger, 2006), um fator comum que leva a todas as formas de consumo de substâncias (Dishion & Owen, 2002), pois a um grupo de pares consumidor estão associados fatores como a exposição a atitudes e valores que conduzem ao consumo, disponibilidade da substância, a perceção do adolescente da aprovação do consumo (Kandel; Kessler & Mergulies, 1978), a normalização, atração pela substância e pressão grupal (Musher-Eizenman et al, 2003). Por outro lado, as substâncias psicoativas têm o poder de ligar os indivíduos em grupos de pares (Dishion & Owen, 2002), pois os adolescentes consumidores tendem a selecionar pares semelhantes a si no mesmo comportamento, ou seja, a procurar pares cujos hábitos de consumo são similares aos seus (Curran; Stice e Chassin 1997; Musher-Eizenman et al., (2003).

Um modelo teórico central para fundamentar a associação entre o grupo de pares e o consumo de substâncias é a *peer cluster theory*, de Oetting e Beauvais (1987), integrada nas teorias psicossociais. Os autores postulam que a ligação do jovem a estes grupos, caracterizados por serem pequenos (um *gang*, uma díade de amigos próximos, um casal) e muito coesos, modelam de forma dominante o comportamento de consumo de substâncias

psicoativas, ou seja, outras variáveis intra e inter pessoais, como a família, a escola, a religião, características de personalidade e psicopatologia, têm apenas uma influência secundária e indireta, dependendo da influência do grupo. Por exemplo, uma atitude pessoal permissiva face ao consumo cria suscetibilidade para o jovem se envolver num grupo de consumo, havendo sempre a mediação do *peer cluster*. Neste caso, argumenta-se que uma atitude favorável do grupo face ao consumo de substâncias psicoativas é um fator chave para esta conduta se desencadear e os autores sumarizam a teoria indicando que o envolvimento no grupo de pares é uma condição necessária para o consumo.

A teoria demarca-se das concepções que enfatizam a pressão grupal, pois na *peer cluster theory*, cada membro do grupo é encarado como tendo um papel ativo, sendo um agente participante nas decisões e condutas do grupo, não havendo qualquer tipo de coação (Oetting & Dinges, 1993).

No entanto, esta teoria não tem uma aceitação unívoca, havendo várias investigações em contrário. Por exemplo, o estudo de Curran e colaboradores (1997) veio contradizer a concepção de uma influência unidirecional no consumo de álcool, ao examinar as mudanças nos consumos de 363 jovens e dos seus pares ao longo de três anos. Verificou-se um aumento dos consumos no tempo, com as mudanças no consumo dos adolescentes a predizerem as mudanças no consumo de pares, e o estado inicial do consumo dos pares foi preditivo de aumentos no consumo dos adolescentes, havendo assim uma relação bidirecional entre o adolescente e os pares, contrariando as concepções que atribuem ao grupo o comportamento do indivíduo.

Maxwell (2002) conduziu um projeto longitudinal que examinou a influência dos pares em vários comportamentos de risco, entre os quais o consumo de tabaco, álcool e cannabis, em cerca de dois mil adolescentes dos 12 aos 18 anos. Foram realizadas entrevistas aos jovens, combinando-se a informação acerca do comportamento do sujeito, com as condutas percebidas de um amigo. Os resultados indicaram que um par do mesmo sexo prediz a iniciação ao consumo de álcool e cannabis, e quanto ao álcool há também uma influência dos pares para parar de consumir. O autor argumenta que as relações próximas entre os pares se ancoram às atitudes pré-existentes do indivíduo, e se o par transporta uma atitude ou comportamento diferente, a do próprio pode modificar-se através de um mecanismo de influência.

Kuntsche e Jordan (2006), numa amostra representativa da população escolar na Suíça, com 3925 estudantes, concluíram que quanto à frequência de episódios de embriaguez e ao consumo de cannabis, a associação a pares consumidores está fortemente

relacionado com o consumo individual. D'Amico & McCarty (2006) avaliaram ainda o impacto da influência dos pares na iniciação e escalada do consumo de álcool e cannabis, em 974 alunos do 6º, 7º e 8º ano, com idades entre os 10 e os 15 anos, ao longo de um ano letivo. Os resultados indicaram que a percepção do consumo de álcool e cannabis pelos pares está associada com o aumento do consumo destas substâncias pelo indivíduo.

A literatura mostra-se consensual ao considerar os pares como tendo uma influência central a vários níveis da vida do adolescente. No entanto, não se encontra um acordo quanto à forma como essa influência se processa, e são escassos os trabalhos que procurem compreender a associação entre as atitudes do sujeito e a proximidade a pares consumidores, havendo principalmente uma constatação recorrente de que sujeitos consumidores estão rodeados de pares que também consomem, salientando-se a necessidade de esclarecer mais aprofundadamente os efeitos desta variável.

1.2.4. Influências do contexto familiar

A família e o adolescente são um objeto de estudo recorrente na literatura, com as suas complexas redes de influência e modos de interação, e quando incluimos um terceiro elemento neste sistema, o consumo de substâncias psicoativas, o cenário mantém-se.

Nas revisões de literatura sobre os fatores de risco para o consumo de substâncias na juventude, a família, enquanto fator de risco externo, é um forte mediador do consumo, onde se incluem por exemplo atitudes favoráveis dos progenitores face aos consumo, monitorização e supervisão parental ineficientes, disfunção familiar, comunicação ineficaz na família, e enquanto fator de risco interno, o sentimento de fraca vinculação à família transportado pelo jovem (Hawkins et al., 1992; Sale, Sambrano, Springer & Turner, 2003). Deste modo, a qualidade das relações entre os membros da família são um dos fatores mais importantes quando se trata do consumo de substâncias psicoativas entre os jovens (Nation & Heflinger, 2006).

Num dos estudos pioneiros sobre as influências do meio para o consumo de substâncias nos jovens, Kandel e colaboradores (1978) focaram-se nos antecedentes do uso de drogas, ou seja, no que leva à iniciação aos consumos, salientando como preditores as influências parentais e dos pares. No caso da família, foi utilizada uma amostra de díades pai-filho, concluindo-se que uma relação pobre com o progenitor é um dos fatores mais importantes para a iniciação aos consumos, e especificamente para a cannabis, as influências parentais são bastante reduzidas, e quando existem devem-se às atitudes parentais e à proximidade da relação. Quanto à iniciação a outras drogas, as influências são

mais fortes, sendo que a falta de proximidade ao progenitor é um dos preditores mais importantes.

Mercer e Kohn (1980) estudaram 500 sujeitos, colocando em interação as práticas parentais, as atitudes e os consumos de substâncias dos jovens, no sentido de propor um modelo de uso de drogas baseado no autoritarismo. Os resultados apontam para o facto de as práticas parentais, nomeadamente o afeto por parte da mãe, e o controlo positivo por parte do pai, contribuírem para uma formação da personalidade do jovem que modela as suas atitudes face ao consumo, o que afeta o próprio consumo. Além disso, uma atitude permissiva face ao consumo foi o melhor preditor do mesmo, mais do que a disponibilidade das substâncias e as normas percebidas do grupo.

Outro estudo, de Brook e colaboradores (2001), na Colômbia, analisou entre outros fatores, o consumo de drogas pela família e as práticas parentais de educação da criança, numa amostra de 2837 jovens entre os 12 e os 17 anos, entrevistados em conjunto com as mães. Os resultados indicaram que os consumos na família, assim como uma relação distante pai-filho são fatores de risco para os consumos.

Rodrigo e colaboradores (2004) efetuaram uma investigação junto de 1417 adolescentes entre os 13 e os 17 anos, de nível socioeconómico baixo na ilha de Tenerife (Espanha), analisando os estilos de vida, nomeadamente o consumo de tabaco, álcool e outras substâncias e a correspondência com a qualidade das relações entre pais e filhos, concluindo que a comunicação e o apoio dos progenitores, assim como o acordo dos pais em termos educativos, se apresentam como fatores de proteção face a estilos de vida saudáveis, ou seja, menor prevalência de consumos. No mesmo sentido, Macaulay, Griffin, Gronewold, Williams & Botvin (2005) exploraram as relações entre as práticas parentais e o consumo de drogas pelos adolescentes, confirmando que indicadores como a monitorização parental eficaz e o estabelecimento de uma mensagem antidrogas têm um efeito protetor dos consumos, influenciando o conhecimento, atitudes e expectativas do jovem quanto ao uso de substâncias psicoativas.

Wallace e Fisher (2007) observaram 108 jovens estudantes entre o 9º e o 12º ano, dos 13 aos 20 anos, numa zona desfavorecida de Nova Iorque, procurando as suas perceções sobre fatores familiares. Os resultados indicaram que uma atitude de desaprovação do consumo de substâncias por parte dos jovens está positivamente associada com níveis mais altos de perceção de desaprovação dos pais deste comportamento de risco, e com uma maior supervisão parental, havendo inversamente uma

relação entre consumo de drogas, relações pobres entre filhos e progenitores e pouca supervisão parental.

Por fim, Moore, Rothwell & Segrott (2010) analisaram 6628 jovens entre os 11 e os 16 anos no Reino Unido, e concluíram que a monitorização parental e a proximidade à família estão positivamente correlacionadas, e ambas se associam com níveis significativamente mais baixos de consumos de álcool pelos adolescentes, havendo então um efeito destas duas características familiares enquanto fator protetor.

Como se pode verificar, baseando-se na ideia de que a família tem maior potencial para agir enquanto fator protetor do envolvimento do jovem em condutas de consumo, as investigações tentam identificar indicadores positivos que influenciem tanto o desenvolvimento de atitudes desfavoráveis em relação às substâncias psicoativas, como níveis mais baixos de consumos, salientando-se a monitorização e supervisão parental adequadas, a proximidade relacional do adolescente à família, e a comunicação eficaz que permita ao jovem efetuar escolhas saudáveis.

1.2.5. Insucesso escolar

A escola é um contexto central na vida do adolescente, acompanhando o seu desenvolvimento biopsicossocial. É nesta instituição que o jovem permanece longos períodos de tempo e contacta com inúmeros sujeitos e experiências que influenciam decisivamente as suas condutas, presentes e futuras.

O desempenho académico condiciona todo o percurso do jovem ao longo das etapas escolares, e no caso do insucesso escolar, medido não só pelo fraco aproveitamento do aluno, mas também por outros comportamentos negativos como indisciplina na sala de aula e no exterior, a fraca motivação para aprender, absentismo, e em último caso o abandono escolar, este encontra-se referenciado como um fator de risco para o consumo de substâncias psicoativas e outros comportamentos desviantes, ao criar elos progressivamente mais fracos com esta instituição, que normalmente se esforça por funcionar como um fator de proteção (Crosnoe, 2006)

Bryant, Schulenberg, Bachman, O'Malley & Johnston (2000) acompanharam 3056 alunos do 8º ao 12º ano e avaliaram o papel dos fatores escolares no desenvolvimento de riscos para a saúde. Os resultados indicaram que na fase da adolescência, as experiências escolares têm uma influência predominante no consumo de tabaco, e nesse sentido, o fracasso escolar contribui para o aumento dos consumos, tanto de forma direta como indireta, ao enfraquecer os elos e compromissos com a instituição escolar, havendo

probabilidade de o jovem se envolver com pares que encorajam consumos, passando então a escola de fator protetor a fator de risco (Henry, Swain & Slater, 2005).

Noutro estudo, Bryant e Zimmerman (2002) colocaram a hipótese de que as experiências, crenças e valores relacionados com os contextos académicos estão associados com o consumo de substâncias, e estudaram 785 jovens do ensino secundário numa zona urbana dos E.U.A., concluindo que os sujeitos com um baixo desempenho académico e fraca motivação escolar reportaram maiores consumos de substâncias psicoativas.

Apesar destes indicadores, as associações entre as atitudes favoráveis ao consumo de substâncias psicoativas e o insucesso escolar não têm sido documentadas com firmeza na literatura, pelo que existe uma carência de modelos conceptuais que expliquem as razões pelas quais alunos com dificuldades académicas se envolvem em maiores consumos (idem).

1.3. Prevenção do consumo de substâncias psicoativas nos jovens

A prevenção das toxicodependências pretende habilitar os sujeitos com informação e competências indicadas para lidarem com os riscos do consumo de substâncias psicoativas (Carvalho; Frango & Martins, 2011). Esta disciplina teve início nos anos 70, com o desenvolvimento de bases teóricas para estratégias de intervenção preventiva (Negreiros, 1999), e mais tarde, nos anos 90, começou a sublinhar-se a necessidade de uma avaliação bem fundamentada das intervenções (Negreiros, 1995). A ideia surge no seguimento da perceção de que os programas de prevenção de drogas são na sua maioria ineficazes e podem até ter efeitos perversos. O exemplo mais significativo é a utilização isolada da técnica de fornecimento de informação sobre as consequências dos consumos, quando se parte do pressuposto que o consumo é uma escolha racional e só acontece pela falta de conhecimento dos prejuízos associados (Botvin, 1996), indicando os estudos a falta de efeitos comportamentais e até o início e aumento dos consumos nesta abordagem (Botvin, 2000).

Negreiros (1999) sublinha ainda outros pontos negativos de alguns esforços de prevenção, como falta de suporte científico para as intervenções; falta de formação adequada dos técnicos; insuficiência de materiais adaptados às características da população portuguesa e uma fraca articulação do sistema educativo para incluir estes conteúdos, que se mantém um contexto privilegiado para as intervenções.

Atualmente, um dos principais objetivos da prevenção de consumos de drogas é neutralizar a influência dos fatores de risco e potenciar o efeito dos fatores de proteção (Curic & Sanchez-Way, 2002). Nation e colaboradores (2003) compilaram os princípios dos programas de prevenção eficazes, onde se incluem: programas compreensivos e integradores, que visam os percursos e mediadores do problema, aumentando a consciencialização e encorajando o desenvolvimento de competências específicas, por exemplo a resistência externa e interna à pressão para o consumo; métodos de intervenção variados, com instrução interativa que fomente a assertividade e a comunicação eficaz sobre as drogas; quantidade apropriada de intervenção, ou seja, conforme as características dos indivíduos atentar na extensão das sessões, o número de sessões, o espaçamento entre as mesmas, a duração total do programa, e a intensidade, aferida pelo risco que os alvos da intervenção enfrentam, além das sessões de reforço para prolongar o impacto das ações (*booster sessions*); os programas devem ser guiados por teorias, tanto etiológicas, focando-se nas causas do problema, como teorias de intervenção, centradas nos melhores métodos para mudar os riscos; devem ser apropriados no tempo e à fase desenvolvimental do sujeito, quando houver potencial para terem o maior impacto possível, ressaltando a importância da intervenção precoce e dos materiais talhados ao desenvolvimento intelectual, cognitivo e social dos participantes; devem ter relevância social, tendo em conta as normas da comunidade local e as crenças e práticas culturais; e deve haver avaliação dos resultados e técnicos com formação adequada.

Outro alvo das iniciativas de prevenção das drogas devem ser as expectativas, traduzidas pelo conhecimento, atitudes e normas. Cuijpers (2002) argumenta que os programas de prevenção escolares podem ter um efeito no potenciar de atitudes desfavoráveis face ao uso de substâncias psicoativas, e a utilização de líderes do grupo pares na escola, em vez de adultos, pode fortalecer estes efeitos. De facto, o contexto escolar é bastante adequado à testagem e implementação de programas de prevenção, ao oferecer um acesso privilegiado à maioria dos jovens que iniciam os consumos (Botvin, 2000). Portanto, os programas escolares atentam principalmente no controlo dos consumos das chamadas *gateway drugs*, ou drogas de entrada, o tabaco, o álcool e a cannabis precursoras da escalada para outras substâncias (Botvin, 1996, 2000; Musher-Eizenman, e colaboradores (2003).

Em Portugal, frequentemente as ações centram-se no desenvolvimento de competências psicossociais no âmbito da promoção da saúde, sem se efetuar prevenção específica relacionada com o consumo de substâncias (Cunha-Filho & Ferreira-Borges,

2008). No entanto, temos o programa “Trilhos – Desenvolvimento de Competências Pessoais e Sociais”, do I.D.T., desenvolvido por Abraão e Tavares (2010), elaborado a pedido de uma escola do Grande Porto e implementado desde o ano letivo de 2005/2006. O principal objetivo é reduzir a quantidade de alunos que se inicia no consumo das *gateway drugs* antes dos 15 anos. O programa é composto por 50 sessões (20 no 7º ano; 15 no 8º ano; e 15 no 9º ano) e é implementado por professores que recebem formação prévia e ao longo do programa.

É um programa de prevenção compreensivo, dividido em quatro componentes: informativa – conceitos de saúde e risco; tomada de decisão e resolução de problemas; regulação emocional – fomentar a capacidade de perceber, expressar e gerir emoções; e competências de comunicação – promover a assertividade. Ainda em fase de validação, tem potencial para vir a ser implementado em larga escala nas escolas do país.

O *Life Skills Training* é um dos programas de prevenção de abuso de substâncias mais amplamente referenciados. Desenvolvido por Botvin (1996), tem demonstrado resultados positivos na redução dos riscos de abuso de álcool, tabaco e outras drogas, tomando como alvo os principais fatores sociais e psicológicos que promovem a iniciação aos consumos e a outros comportamentos de risco. É um programa compreensivo que promove várias competências: resistência à pressão social para o consumo; lidar com a ansiedade; aumentar o conhecimento sobre as consequências do consumo, além do fornecimento de informação sobre as drogas, com o objetivo de afetar as atitudes favoráveis relativamente ao consumo. A população alvo estende-se desde alunos do ensino primário até ao ensino secundário, e os métodos utilizados incluem discussão em grupo, treino de competências cognitivo-comportamentais, entre outros, em 15 sessões com uma duração de 45 minutos, lideradas por vários intervenientes, como professores, profissionais de saúde ou pares mais velhos.

Como se pode verificar, hoje a prevenção segue um registo baseado no comportamento, nos processos de aprendizagem e no desenvolvimento humano, e não se baseia só no indivíduo, mas envolve-se também no domínio social, intervindo numa multiplicidade de variáveis de forma sistémica (Cunha-Filho & Ferreira-Borges, 2008), sendo necessárias ainda muitas respostas para este problema complexo.

1.4. Contexto: O Bairro do Cerco do Porto

O Bairro do Cerco do Porto situa-se na zona oriental da cidade e pertence à freguesia de Campanhã, tendo sido inaugurado em 1963, constituindo-se como o maior bairro social da autarquia, com uma elevada densidade populacional (Labandeiro, 2004). O espaço está organizado em blocos de habitação social, e ao longo dos anos tem sido conotado como um território de exclusão (Guerra, 2002), por concentrar problemas sociais de várias ordens, como elevada taxa de desemprego da população, falta de qualificações, desestruturação familiar, insucesso e abandono escolar precoce, delinquência juvenil, violência, entre outros (Labandeiro, 2004).

No entanto, a principal característica associada ao Bairro do Cerco, tanto no discurso corrente, dentro e fora do Bairro, como nos media e na literatura científica, é a forte associação com o consumo e tráfico de drogas, que se intensificou com a deslocação dos habitantes do Bairro de São João de Deus (Fernandes & Ramos, 2010), levando a conotações cada vez mais negativas, e a um progressivo isolamento do espaço em relação ao resto da cidade. De facto, a população tende a sentir-se à margem dos restantes habitantes da cidade, por interiorizar estas diferenças do espaço (Fernandes & Neves, 2002), condicionando os seus modos de vida, podendo por exemplo criar condições para um maior envolvimento no desvio.

É neste contexto que se insere o Agrupamento de Escolas do Cerco, e a Escola Básica e Secundária do Cerco, em que a desorganização da comunidade, traduzida pelas características já referidas desta zona, representa uma concentração de fatores de risco para o uso e abuso de substâncias psicoativas pelos jovens (Ennett, Flewelling, Lindrooth & Norton, 1997; Gilvarry, 2000; Hawkins et al., 1992).

Capítulo II

Estudo Empírico

Este capítulo é composto por três secções, em que na primeira se apresentam os objetivos e as hipóteses do estudo, seguindo-se a secção de metodologia, onde é caracterizada a amostra do estudo, sendo também explicitados os instrumentos de natureza quantitativa e qualitativa utilizados, e os procedimentos de recolha e análise dos dados. Por fim, apresentam-se os resultados obtidos no estudo, a par da sua discussão e reflexão. Esta secção é dividida em duas secções principais, uma correspondente à análise quantitativa, de resposta às hipóteses colocadas com a aplicação dos questionários de padrões de consumo de tabaco, álcool e drogas, e de atitudes em relação a estas substâncias, e onde se englobam a análise descritiva, diferencial, e da correlação. A outra secção é relativa à análise qualitativa, com os dados provindos da realização do focus-grupo.

2.1. Objetivos e hipóteses de investigação

2.1.1. Objetivos de investigação

Em primeiro lugar, este estudo visa contribuir para ultrapassar uma lacuna da investigação, dado que a maior parte dos trabalhos que associam jovens e substâncias psicoativas, utilizam amostras de adolescentes a partir dos 15 anos (D'Amico & McCarty, 2006), considerando-se que os consumos têm um aumento exponencial nessa fase, colocando de parte sujeitos mais novos, nas faixas etárias em que se assiste à iniciação ao uso de drogas. De facto, a iniciação ao consumo regular de tabaco, álcool e drogas antes dos 15 anos é considerada um fator importante para a identificação precoce de situações de risco para a evolução de abuso ou dependência de substâncias psicoativas (Farate, 2001).

Neste sentido, o trabalho tem como objetivo caracterizar as prevalências e padrões de consumo de substâncias psicoativas de uma população adolescente, inserida numa escola de um contexto social desfavorecido da cidade do Porto, nomeadamente o Bairro do Cerco. Além disso, analisam-se as atitudes dos jovens face a vários aspetos relacionados com o tabaco, álcool e drogas, e cruzam-se estes dados com o tipo de consumos, assim como características sociodemográficas, fatores escolares, e do relacionamento com os pares e a família. De uma forma geral, procura-se estudar a interação entre uma variável intrapessoal e comportamental: as atitudes dos jovens em relação ao tabaco, álcool e drogas, e variáveis interpessoais: o insucesso escolar, a perceção do consumo dos pares e a perceção da interação com os pais, que representam as influências de socialização que têm impacto no desenvolvimento do indivíduo.

Tem-se verificado que alguns programas de prevenção do consumo de substâncias pelos jovens não atendem à realidade social e cultural do meio onde são implementados, acabando por se mostrar ineficazes (Negreiros, 1986). Assim, num contexto que se conhece propenso a consumos, este trabalho pretende funcionar como uma avaliação de necessidades com vista a fornecer indicadores para um futuro projeto de intervenção, numa lógica de prevenção adequada a esta população, procurando-se num segundo momento as atitudes e perceções relatadas de vários sujeitos.

2.1.2. Hipóteses de investigação

A revisão da literatura indicou-nos as variáveis mais fortemente relacionadas com as atitudes em relação ao tabaco, álcool, e drogas, pelo que se formularam as seguintes hipóteses de investigação:

1. Os rapazes têm atitudes mais permissivas em relação ao tabaco, álcool e drogas do que as raparigas.
2. Os jovens que frequentam o 9º ano têm atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco, álcool e drogas do que os jovens que frequentam o 7º ano.
3. Os sujeitos com atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco, álcool e drogas efetuam maiores consumos das mesmas.
4. Há uma tendência para os jovens que reprovaram algum ano terem atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco, álcool e drogas, do que os sujeitos que nunca reprovaram.
5. Quanto maior a perceção de pares consumidores de tabaco, álcool e drogas, mais fortes são as atitudes favoráveis do jovem em relação às mesmas substâncias psicoativas.
6. Os jovens que percecionam uma interação positiva com os pais apresentam menos atitudes favoráveis em relação ao tabaco, álcool e drogas.

2.2. Metodologia

2.2.1. Participantes

Os dados foram recolhidos na Escola Básica e Secundária do Cerco do Porto, um estabelecimento de ensino público, no ano letivo de 2010/2011, em turmas do ensino diurno regular, escolhidas aleatoriamente, em conjunto com os dirigentes da escola, tendo como principal critério a concentração dos momentos de recolha nos vários tempos de aulas da manhã, selecionando-se então quatro turmas de 7º ano e quatro turmas de 9º ano.

Quanto à caracterização sociodemográfica da amostra (cf. Quadro 1), esta foi constituída por 116 sujeitos, tendo sido excluídos três sujeitos da amostra inicial, devido à elevada quantidade de não respostas na escala de atitudes, o que tornou o questionário inexplorável. As idades situam-se entre os 11 e os 17 anos, com uma média de 13.3 anos. Devido à existência de turmas mais numerosas no 9º ano, temos uma maior incidência de estudantes deste ano (54.3%), e menor no 7º ano (45.7%). No que respeita à caracterização por género, 59.5% dos sujeitos são do género feminino, e 40.5% do género masculino.

Quanto à incidência de reprovações, 74.1% dos sujeitos nunca reprovaram, e 25.9% referiram já ter reprovado, e destes, a maior parte (76.7%) reprovou uma vez, 20% reprovou duas vezes e 3.3% reprovou pelo menos três vezes.

O grau de instrução dos pais varia desde a não frequência do ensino até aos cursos superiores, sendo que relativamente ao pai, a maioria (59%) frequentou o 2º e 3º ciclo, e 25.7% o ensino primário. Valores mais baixos referem-se à frequência do ensino secundário (8.6%), de um curso profissional (2.9%), de um curso superior (2.9%) e 1% dos pais não frequentou a escola. Quanto à mãe, há uma maior variabilidade, sendo que 23.1% frequentou o ensino primário, 48.1% o 2º e 3º ciclo, e 22.2% o ensino secundário. Cursos profissionais foram frequentados por 2.8% das mães, e superiores por 1.9%, sendo este valor igual para as progenitoras que não frequentaram um estabelecimento de ensino.

Finalmente, a percepção dos sujeitos quanto à interação com os progenitores é maioritariamente positiva, sendo que 20.2% se dá bem com o pai, e 71.6% muito bem. Já com a mãe, 17.4% refere dar-se bem com a mãe, e 80% muito bem. A frequência de jovens que relata uma percepção da interação com os progenitores má ou muito má é de 4.6% para o pai e 0.8% para a mãe. Assim, conclui-se que os sujeitos identificam relações mais positivas com a mãe.

Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra

		N	%	M	DP	Amplitude
Género	Masculino	47	40,5			
	Feminino	69	59,5			
Idade		116		13,3	1,21	11-17
Ano de Escolaridade	7º	53	45,7			
	9º	63	54,3			
Reprovações	Sim	30	25,9			
	Não	86	74,1			

2.2.2. Instrumentos

2.2.2.1. Pesquisa quantitativa

No que respeita à parte quantitativa do estudo, o material utilizado para a recolha de dados foi um instrumento de autorrelato, preenchido em sala de aula, construído através de várias fontes bibliográficas e composto por três secções: dados sociodemográficos, escolares e familiares; padrões de consumo de tabaco, álcool e drogas; e atitudes face ao tabaco, álcool e outras drogas (cf. Anexo 1).

Na primeira secção, recolheu-se informação sobre: idade; género; ano de escolaridade; frequência de reprovações; grau de instrução dos pais; e percepção da interação com os pais. Na segunda secção, adaptada de Negreiros (2001) caracterizaram-se os consumos de tabaco ao longo da vida e nos últimos 30 dias, e ainda a forma como o sujeito iniciou os consumos, sozinho ou com alguém. Procurou-se também informação relativa ao consumo de bebidas alcoólicas ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, assim como a frequência de consumos por especificação do tipo de bebidas consumidas nos últimos 30 dias. Analisou-se ainda a frequência de *binge-drinking*, e de episódios de embriaguez. Quanto ao consumo de outras drogas, indagou-se o consumo de canabinoides ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, assim como a experimentação de outras substâncias. Os sujeitos foram por fim questionados sobre a idade de iniciação ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas, e a percepção da quantidade de pares consumidores.

A escala de atitudes face ao tabaco, álcool e drogas baseou-se num trabalho de Negreiros (1998), com algumas adaptações, tendo sido retirados itens não consonantes com as atuais leis em vigor, em relação à proibição de fumar em locais fechados e à descriminalização do consumo de drogas. Além disso, foram acrescentados itens, recolhidos de instrumentos utilizados noutras investigações, nomeadamente: “Os jovens que fumam têm mais amigos” e “Fumar torna uma pessoa mais fixe” (Macaulay et al., 2005); “Fumar é um assunto de cada um, ninguém se deve meter”; “Beber moderadamente faz parte de uma vida normal”; “Às vezes é importante as pessoas consumirem bebidas alcoólicas para relaxarem” (Lintonen & Konu, 2002); “Por vezes os adultos exageram sobre as consequências negativas do álcool”; “Os jovens que nunca consomem álcool têm mais dificuldades em fazer amigos”; “Se as drogas fossem usadas pelos jovens com moderação quase não haveria consequências sérias”; “Não compreendo porque é que os jovens precisam das drogas para se divertirem”; “A maioria dos jovens que consome drogas tem outros problemas” (Gatins & White, 2006).

De salientar ainda que foi pedido aos sujeitos para escolherem um *nickname*, para que pudessem eventualmente ser contactados na segunda parte do estudo, mantendo-se sempre a confidencialidade dos participantes.

Recorreu-se à inversão de alguns itens, no sentido de seguirem todos a mesma direção, sendo que um *score* mais baixo indica uma atitude mais favorável face à substância. Foi efetuada a análise psicométrica da qualidade das subescalas de atitudes em relação ao tabaco, álcool e drogas, através de uma análise fatorial exploratória, no sentido de preparar os dados para testar as hipóteses colocadas. Assim, utilizou-se o critério *scree plot*, retirando-se fatores até a variância explicada deixar de ser relevante, ou seja, quando as diferenças nos valores próprios de cada fator se tornaram demasiado pequenas.

Na subescala de atitudes em relação ao tabaco, analisou-se a estrutura fatorial com rotação *varimax* e forçada a dois fatores, tendo sido eliminado o item 8, por apresentar um valor de comunalidade muito baixo. Esta subescala ficou assim composta por oito itens, distribuídos por dois fatores, que explicam 47.4% da variância total, sendo 30.5% da variância explicada pelo primeiro fator, e 16.9% pelo segundo. O valor do *alpha* de Cronbach para esta subescala foi de .66.

Quanto à subescala de atitudes em relação ao álcool, foram eliminados cinco itens (1;2;3;7;10) que não conduziram a uma solução fatorial lógica, tendo-se assim obtido uma escala composta por sete itens, distribuídos também por dois fatores que explicam 51.1%

da variância total, sendo que 32.7% é explicada pelo primeiro fator, e 18.4% pelo segundo ($\alpha = .61$).

Finalmente, na subescala de atitudes em relação às drogas, foram retirados dois itens (7;8), ficando a escala com oito itens, distribuídos por dois fatores que explicam 45.9% da variância total, sendo 29.6% explicada pelo primeiro fator, e 16.3% pelo segundo ($\alpha = .65$).

Globalmente, a análise deu origem a subescalas bifactoriais que exprimem atitudes de orientação positiva e negativa em relação a cada substância psicoativa, e os valores de consistência interna, aferidos pelo *alpha* de Cronbach (cf. Quadro 2) exprimem níveis razoáveis.

Quadro 2. Alpha de Cronbach

Variável	Nº de itens	Consistência Interna
Tabaco	8	.66
Álcool	10	.61
Drogas	6	.65

2.2.2.2. Pesquisa qualitativa

A técnica de recolha de dados qualitativos selecionada foi o focus-grupo, partindo de alguns dados fornecidos pelo instrumento quantitativo. O objetivo foi complementar e aprofundar o acesso às atitudes acerca das substâncias psicoativas, de sujeitos com diferentes características, e procurar pistas para a prevenção, a partir das suas perceções e significados atribuídos a vários fatores relacionados com o fenómeno das drogas.

Segundo Kelly e colaboradores (2004), o focus-grupo proporciona uma riqueza de informação que se constitui como uma das melhores formas de avaliar necessidades de um grupo. É um método de pesquisa que utiliza discussões grupais guiadas para gerar um entendimento mais rico das experiências e crenças dos participantes, e atualmente já se considera que é uma técnica eficaz para abordar tópicos sensíveis, como a questão do consumo de substâncias psicoativas (Morgan, 1998).

O focus-grupo tem vantagens em relação a outros métodos, ao colocar os sujeitos em interação, e permitir ao investigador entrar em contacto direto com os participantes,

podendo aliar uma análise verbal e não-verbal das respostas; e obter níveis mais profundos de significado das intervenções (Marczak & Sewell, s.d.)

O guião elaborado (cf. Anexo 2) contém questões que abrangem a perceção sobre o conceito de droga e os consumos; no que concerne à prevenção, procurou-se perceber as conceções sobre o não consumo, o discurso das figuras significativas e da instituição escolar; foi abordada a questão da legalização da venda de drogas, e por fim as perceções do fenómeno da droga no Bairro do Cerco.

Procedeu-se à gravação áudio do focus-grupo, com posterior transcrição integral das intervenções. A análise de conteúdo foi o método selecionado para o tratamento dos dados, que segundo Bardin (2004) se constitui como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, com o objetivo de obter indicadores que permitem o acesso a conhecimentos sobre as condições de produção e receção das mensagens, descrevendo o seu conteúdo. Deste modo, foi elaborada uma grelha categorial composta por sete categorias e várias subcategorias, cada uma contendo as unidades de registo adquiridas (cf. Anexo 3).

2.2.3. *Procedimentos*

Os procedimentos para a recolha de dados iniciaram-se com o contacto à escola, em julho de 2010, tendo sido entregue ao Diretor do Conselho Executivo um pedido formal (cf. Anexo 4) para a realização do estudo. Em outubro de 2010 foi efetuada uma reunião, em que foram discutidas todas as questões relativas à aplicação do estudo, e agendadas as datas de recolha dos dados. O pré-teste decorreu no dia 3 de novembro de 2010, numa amostra de 36 sujeitos, ou seja, uma turma de cada ano de escolaridade (7º ano – N=18; 9º ano – N=18). Os dados foram analisados e foram realizadas alguns ajustes ao instrumento, nomeadamente na secção da caracterização sociodemográfica, onde passou a constar a indicação de ano e turma, em vez da referência da turma junto ao *nickname*, e na subescala de atitudes em relação ao tabaco, a modificação do item 8: “Há demasiada agitação hoje em dia sobre as desvantagens do tabaco” para “Fumar provoca vários prejuízos à pessoa”, pois a questão mostrou-se pouco clara aos sujeitos, que pediram esclarecimentos à investigadora durante a administração.

A aplicação do questionário final realizou-se nos dias 26 de novembro e 15 de dezembro de 2010. De salientar que foi entregue aos sujeitos um pedido de autorização para participar no estudo aos seus encarregados de educação (cf. Anexo 5), tanto no pré-teste como na aplicação final, tendo apenas participado os sujeitos que obtiveram tal

confirmação. Os dados foram recolhidos na sala de aula, com um tempo de preenchimento de cerca de 20 minutos, na presença de um professor, que se responsabilizou apenas pela disciplina dos alunos. Antes do preenchimento, foi explicado aos participantes o propósito do estudo, e reforçada a participação voluntária, anónima e confidencial, sendo que no final cada sujeito entregou o questionário em mão à investigadora, voltado ao contrário.

Os dados quantitativos foram analisados estatisticamente através do programa S.P.S.S. (*Statistical Package for Social Sciences*), na versão 17.0. No pré-teste, os procedimentos estatísticos utilizados situaram-se ao nível do cálculo da consistência interna da escala de atitudes, através do procedimento *Alpha* de Cronbach. Na amostra final, foi realizado este mesmo procedimento, e análises descritivas da amostra, além de análise fatorial, análises diferenciais através da utilização do teste T de *Student* para amostras independentes e análise da correlação.

Depois de analisados os dados quantitativos, foi realizado o focus-grupo, que teve lugar a 30 de maio de 2011, numa sala de aula, e foi moderado pela investigadora, sem outras presenças para além desta e dos participantes. Foram selecionados seis sujeitos, pelos seguintes critérios: três de cada ano de escolaridade, e três de cada sexo, três sujeitos que nunca experimentaram qualquer substância psicoativa e nunca reprovaram, e três sujeitos que já efetuaram consumos, sendo que dois deles relataram ainda episódios de embriaguez ao longo da vida, e retenções escolares. Os sujeitos foram contactados pessoalmente através do *nickname* fornecido no questionário, tendo assentido em participar, sendo pedida também autorização aos encarregados de educação para se proceder ao registo áudio do focus-grupo (cf. Anexo 6).

2.3. Apresentação e discussão dos resultados

2.3.1. Análise e discussão quantitativa

2.3.1.1. Análise e discussão descritiva

Tabaco

Os dados demonstram que a maioria dos sujeitos nunca experimentou tabaco (74.1%), e os níveis de incidência seguintes apresentam-se em duas tendências opostas, ou seja, 13.8% dos sujeitos consumiu tabaco entre uma a cinco vezes, e 7.8% procedeu ao seu uso 40 ou mais vezes ao longo da vida, sendo que os restantes 2.6% fumaram entre 10 a 39 ocasiões. No que respeita ao consumo no último mês, e em comparação com os valores correspondentes à abstinência ao longo da vida, estes sobem para 89.7%, e os restantes descem, nomeadamente o consumo uma ou duas vezes (6%) e pela menos 40 vezes (4.3%). Face aos níveis de prevalência nacionais (Feijão & Lavado, 2003b), a percentagem de alunos que já experimentaram tabaco na Escola do Cerco é mais baixa que a média nacional (25.9% para 29.4%). No entanto, tendo em conta a média de idades do presente estudo (13.3 anos), e o consumo no último mês (P30D), estes jovens efetuaram mais consumos do que a média nacional de alunos de 13 anos (10.3% para 7.5%).

Dos jovens que relataram já ter consumido tabaco, uma elevada percentagem (76.4%) indicou ter experimentado na companhia de amigos, o que salienta a importância do grupo de pares. Apesar de os jovens não terem sido questionados quanto às companhias no consumo atual, os resultados vão de encontro ao que postulam Oetting e Beauvais (1987) ao considerarem que o consumo de substâncias psicoativas, neste caso o tabaco, é quase sempre um fenómeno social, e é entre os pares que o consumo é iniciado e mantido.

Álcool

O consumo de bebidas alcoólicas apresenta uma maior variabilidade entre os sujeitos, sendo que menos de metade (45%) relata nunca ter contactado com álcool, portanto a maioria (55%) já consumiu. Apesar disso, a maior parte dos sujeitos relata consumos ao longo da vida entre uma e nove vezes (42.2%), havendo um número reduzido (8.3%) que relata dez a 40 ocasiões de consumo.

A maior frequência de consumo situa-se nos últimos 12 meses, em que os dados se distribuem por duas metades: 56.1% dos sujeitos refere não ter consumido no último ano, e os restantes 43.8% estiveram em contacto com a substância, ressaltando-se que 24.3%

revela um consumo de álcool uma ou duas vezes; 17.7% de três a 19 vezes e os restantes 1.8% entre 20 a 40 vezes. Quanto ao uso de bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias, a percentagem de sujeitos não consumidores é a mais alta das três medidas (78%), seguida pelo uso de álcool uma ou duas vezes (12.8%) e 8.3% consumiram três a nove vezes. No total, 22% dos sujeitos consumiram álcool no último mês.

No que respeita ao tipo de bebidas alcoólicas consumidas nos últimos 30 dias, 94.6% dos jovens relata não ter consumido vinho; 83.9% não consumiu cerveja e 75.9% não contactou com bebidas destiladas. Isto significa que o vinho é a substância menos consumida (5.5%), seguido pela cerveja, em que 8.9% dos sujeitos registaram consumos uma ou duas vezes; 4.5%, três a cinco vezes e de seis a 19 vezes 2.7%. Assim, as bebidas destiladas são o tipo de álcool que têm maior incidência de consumo (24.1%), sendo que 10.3% dos sujeitos consumiu uma ou duas vezes no último mês, 6.9% três a cinco vezes, 4.3% seis a nove vezes e 2.7% de 10 a 39 vezes.

Os sujeitos foram questionados também em relação à frequência de *binge drinking* no último mês, tendo a esmagadora maioria relatado que não se envolveu nesta ação (89.7%), seguindo-se por 6.9% dos sujeitos o fizeram uma vez, e 3.4% duas vezes.

No que respeita ao estado de embriaguez, há um valor expressivo de jovens que nunca o experimentaram (92.1%), valor que vai subindo quando questionados acerca dos últimos 12 meses (95.6%) e dos últimos 30 dias (98.4%). Em seguida, temos 7% dos sujeitos que já estiveram embriagados uma ou duas vezes ao longo da vida; 3.5% nos últimos 12 meses e 1.8% no último mês.

De um modo geral, as prevalências de consumo de álcool em todas as medidas são inferiores aos valores nacionais (Feijão, 2010), assim como na frequência de consumo de cerveja (16.1% para 26.4%). No entanto, à semelhança do que foi verificado por Feijão e Lavado (2004), que reportaram em alunos do ensino secundário pela primeira vez o consumo de bebidas destiladas a ultrapassar o de cerveja, o mesmo foi encontrado neste estudo, com alunos mais novos. Além disso, a prevalência de consumo desta bebida alcoólica é superior à média nacional (24.1% para 20.2%), o que se constitui como um indicador importante com possíveis implicações ao nível dos esforços de prevenção, uma vez que está documentado na literatura, considerando os modelos *gateway* (Kandel et al., 1978; Oetting & Beauvais, 1987), que o álcool é a droga de iniciação para a maioria dos jovens, juntamente com o tabaco, predizendo a escalada de consumos futuros das outras substâncias.

Drogas

Procurou-se apurar os níveis de consumo de marijuana/haxixe/ganza/charros quanto à experimentação (PLV), consumo ocasional (P12M) e regular (P30D), sendo que 96.5% dos sujeitos refere nunca ter experimentado, e os restantes 3.5% distribuem-se desde uma única ocasião de consumo até 19 vezes. Quanto ao consumo no último ano, 97.4% dos jovens relatam não o ter feito nenhuma vez, 0.9% consumiu uma ou duas vezes, e 1.7% usou esta droga 3 a 5 vezes. No que respeita aos últimos 30 dias, o valor de não consumidores continua alto (97.4%), e os restantes 2.7% consumiram marijuana/haxixe de uma a nove vezes. Assim, pode-se verificar que o consumo de canabinoides é raro entre estes adolescentes, nas três medidas estudadas. Além disso, em comparação com as prevalências nacionais (Feijão & Lavado, 2003a), os valores são muito inferiores (PLV = 3.5; 10%; P12M = 2.6%; 8%; P30D = 2.6%; 6%), sendo a substância em que se denotam mais disparidades nas prevalências, o que se constitui como um indicador positivo.

Relativamente ao consumo de outras drogas, a maior parte dos sujeitos afirma nunca ter experimentado as substâncias apresentadas, havendo consumos baixos de tranquilizantes, drunfos ou sedativos (0.8%) e de inalantes (0.9%).

Perceção dos amigos consumidores

No sentido de se compreender a associação da percepção do jovem acerca da quantidade de pares consumidores que o rodeiam, com as atitudes em relação às substâncias psicoativas, foi colocada a questão “Quantos amigos teus achas que fumam cigarros/bebem bebidas alcoólicas/usam drogas?”. Os resultados indicam que os jovens percecionam principalmente consumo de tabaco pelos pares, com 68.9% a referir que poucos ou alguns fumam cigarros, e 11.2% considera que a maioria fuma, opondo-se a 19% que indica que nenhum amigo fuma. Seguem-se as bebidas alcoólicas, em que 58.3% dos sujeitos indica que poucos ou alguns amigos bebem álcool, 11.3% perceciona que a maioria consome e 26.1% não atribui consumos aos pares. Por fim, 66.1% dos sujeitos considera que nenhum amigo consome drogas, e 27.8% refere que poucos ou alguns o fazem, com uma pequena percentagem que indica achar que a maioria é consumidor de drogas (1.7%).

2.3.1.2. Análise e discussão diferencial

Hipótese 1

Para compreender se existem diferenças entre os géneros, supondo-se que os rapazes apresentariam atitudes mais favoráveis do que as raparigas em relação às subescalas de tabaco, álcool e drogas foi utilizado o teste *t* de amostras independentes. No que respeita à subescala de atitudes em relação ao tabaco, os resultados mostram que não existem diferenças significativas entre os rapazes ($M = 31.15$; $DP = 4.51$) e as raparigas ($M = 32.55$; $DP = 4.09$), $t(116) = 1,74$, *ns*. Na subescala de atitudes em relação ao álcool, também não existem diferenças significativas entre o género masculino ($M = 25.09$; $DP = 4.51$) e feminino ($M = 25.74$; $DP = 3.91$), $t(116) = 0,83$, *ns*. Por fim, na subescala de drogas, à semelhança das outras medidas, não se verificaram diferenças significativas entre rapazes ($M = 30.09$; $DP = 4.75$) e raparigas ($M = 31.65$; $DP = 4.68$), $t(116) = 1.76$, *ns*.

Os autores têm discutido que ao nível da elaboração de estratégias adequadas para a prevenção, deve-se avaliar se os consumidores são maioritariamente rapazes ou raparigas (Feijão & Lavado, 2004), pois o grau de risco e de proteção difere nestes dois grupos, devendo também diferenciar-se as estratégias pelo género (Curic & Sanchez-Way, 2002). Assim, numa análise complementar, comparou-se a frequência de consumo entre os géneros, e na maioria das substâncias, os rapazes efetuaram ligeiramente mais consumos do que as raparigas. No entanto, observa-se também que as diferenças entre os sujeitos não são significativas, à semelhança do que acontece na comparação das atitudes, o que apoia a hipótese da “igualização da conceção de género” (Puuronen, 1997, cit in Palmquist & Santavirta, 2006), ou seja, raparigas e rapazes estão cada vez mais próximos nas suas atitudes e comportamentos, havendo necessidade de analisar mais especificamente os fatores de risco específicos para cada género.

Hipótese 2

Para testar se os jovens que frequentam o 9º ano têm atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco, álcool e drogas do que os jovens do 7º ano foi igualmente utilizado o teste *t* para amostras independentes. Na subescala de atitudes em relação ao tabaco, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do 7º ano ($M = 32.06$; $DP = 4.66$) e do 9º ano ($M = 31.92$; $DP = 4.02$), $t(116) = 0,17$, *ns*. Quanto à subescala de atitudes em relação ao álcool, a tendência mantém-se, não se registando diferenças significativas entre jovens do 7º ano ($M = 25.06$; $DP = 4.28$) e do 9º ano ($M = 25.83$; $DP = 4.05$), $t(116) = 0.99$, *ns*. No que respeita às atitudes em relação às drogas, também não se verificam

diferenças entre os sujeitos do 7º ano ($M=30.25$; $DP = 5.04$) e do 9º ano ($M = 31.67$; $DP = 4.43$), $t(116) = -1.62$, *ns*.

Estes resultados não vão de encontro às conclusões de outros estudos (e.g Pfingsten, 1994) que indicam que os alunos de anos mais avançados e mais velhos sustentam atitudes mais favoráveis em relação às substâncias psicoativas. Pode colocar-se a hipótese explicativa de que entre o 7º e o 9º ano não existem mudanças significativas ao nível desenvolvimental que desencadeiem a sustentação de atitudes favoráveis. Outra justificação pode situar-se no facto de tanto no 7º ano, como no 9º ano, já existirem igualmente atitudes favoráveis face ao tabaco, álcool e drogas, e haver necessidade de uma avaliação mais precoce, para identificar em que ponto os alunos começam a demonstrar atitudes favoráveis, e se efetuarem esforços de prevenção antes dessa faixa etária.

Hipótese 3

Esta hipótese constituiu-se como uma das principais premissas deste estudo, a associação entre atitudes e consumos. Para testar se os sujeitos com atitudes mais favoráveis face ao tabaco são aqueles que efetuam consumos das mesmas, utilizou-se a variável de frequência de consumo nos últimos 30 dias, correspondente a um uso regular da substância, contraposta aos sujeitos que nunca experimentaram tabaco, e selecionou-se o teste *t* para amostras independentes. Os resultados demonstram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos consumidores ($M=27.58$; $DP = 4.12$) e abstinentes ($M=32.49$; $DP = 4.05$), $t(116) = 3.97$, $p = .000$, confirmando-se a hipótese de que os sujeitos consumidores apresentam atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco.

No que respeita às atitudes e consumos de álcool, a variável utilizada foi o consumo regular, correspondente ao último mês (P30D), dicotomizando-se as respostas dos sujeitos em não consumo ou consumo de uma ou mais bebidas. Assim, obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos que consumiram álcool no último mês ($M=22.92$; $DP = 2.69$) e aqueles que nunca experimentaram bebidas alcoólicas ($M = 26.32$; $DP = 4.23$), $t(109) = 3.72$, $p = .000$, salientando-se atitudes mais favoráveis em relação à substância nos sujeitos que efetuam um consumo regular da mesma.

Por último, e uma vez que os consumos de outras drogas se manifestaram principalmente ao nível do haxixe/cannabis, e numa frequência de consumo mais notória ao nível da experimentação (PLV), utilizou-se esta variável para testar se os jovens com atitudes mais permissivas efetuam maiores consumos. Os resultados mostram que não existem diferenças significativas entre os sujeitos que já experimentaram cannabis ($M =$

26.75; DP = 4.35) e os jovens que nunca contactaram com a substância (M = 31.25; DP = 4.65), $t(116) = 1.91$, *ns*.

Os resultados vão de encontro às conclusões da maior parte da investigação, salientando uma correlação entre atitude e comportamento, exceto no caso da cannabis. Esta hipótese constitui-se de várias implicações para a prevenção da iniciação e continuação do consumo de substâncias psicoativas, pois como referem Castrucci e colaboradores (2002), as ações preventivas requerem intervenções que abranjam as atitudes individuais, ou seja, que tornem possível modificá-las. Além disso, segundo Hedman, Riis e Gabre (2010), o período entre os 12 e os 15 anos apresenta-se como a melhor oportunidade para influenciar as atitudes.

Quanto ao resultado que exprime o consumo de cannabis não relacionado com atitudes mais favoráveis em relação a esta substância, pode ter estado incluído um efeito de desejabilidade social, numa tentativa de os sujeitos consumidores não expressarem concordância com certas afirmações, para neutralizarem a questão do consumo, que pode ser socialmente mais encarado negativamente do que o consumo de tabaco ou álcool.

Hipótese 4

Para testar se o insucesso escolar, medido através das reprovações do jovem, reflete atitudes mais favoráveis em relação ao álcool, tabaco e drogas, em oposição aos jovens que nunca reprovaram, foi utilizado o teste *t* para amostras independentes. Os resultados na subescala de atitudes em relação ao tabaco indicam que os sujeitos que já reprovaram (M = 29.43; DP = 4.62) apresentam atitudes mais favoráveis do que os jovens que nunca reprovaram (M = 32.87; DP = 3.83), $t(116) = 4.01$, $p = .000$, havendo assim diferenças estatisticamente significativas. Quanto à subescala de atitudes em relação ao álcool, também se denotam diferenças significativas entre os sujeitos que já reprovaram alguma vez (M = 23.77; DP = 3.40), e os que não sofreram retenções (M = 26.07; DP = 4.25), $t(116) = -2.68$, $p = .008$. Por fim, no que respeita à subescala de drogas, igualmente se refletem atitudes mais favoráveis dos sujeitos que reprovaram (M = 28.4; DP = 5.58) em relação aos que nunca reprovaram (M = 31.93; DP = 4.08), $t(116) = -3.69$, $p = .000$.

Apesar de a escola ser principalmente considerada um fator de proteção (Naia et al., 2007), no presente estudo verificamos que uma variável do contexto escolar se associa a atitudes mais favoráveis em relação às substâncias psicoativas. Assim, pode suceder-se que enquanto o aluno não manifesta comportamentos escolares negativos, esta instituição funciona no sentido de o proteger. No entanto, se surgir uma retenção, o jovem pode entrar

num ciclo de risco, não havendo mecanismos para conter esta situação, como formas de prevenção direcionadas a estes alunos, no que diz respeito às atitudes favoráveis ao consumo de substâncias, e ao consumo efetivo. Neste sentido, Bryant e colaboradores (2000) sugerem que a criação de programas de prevenção com o objetivo de tentarem reduzir os comportamentos e resultados escolares negativos tem probabilidade de eficácia em reduzir o consumo de tabaco pelos adolescentes.

2.3.1.3. *Análise e discussão da correlação*

Hipótese 5

Para testar a hipótese 5 – quanto maior a percepção de pares consumidores de tabaco, álcool e drogas, mais fortes são as atitudes favoráveis do jovem em relação às mesmas substâncias psicoativas – procedeu-se à análise da relação entre as variáveis relativas à percepção de pares consumidores de tabaco, álcool e drogas, dicotomizada em “nenhum e poucos” e “alguns e a maioria”, e as três subescalas de atitudes face a estas substâncias, através do teste *P de Pearson*.

Os resultados não apresentam correlações significativas para nenhuma das variáveis (cf. Quadro 3), o que significa que os sujeitos com uma maior percepção de pares consumidores de tabaco, não demonstram atitudes mais favoráveis em relação a esta substância, $r(115) = 0.136$, *ns*; os sujeitos que percecionam nos amigos maiores consumos de álcool também não demonstram atitudes mais favoráveis às bebidas alcoólicas, $r(110) = 0.180$, *ns*; e os jovens que denotam nos pares consumos de drogas também não sustentam atitudes mais favoráveis em relação a estas substâncias psicoativas, $r(110) = 0.179$, *ns*.

Contrariamente ao esperado, não se confirmou a hipótese de que atitudes favoráveis em relação às substâncias psicoativas se correlacionam com a percepção de mais pares consumidores. Assim, numa análise complementar, avaliou-se a percepção dos pares consumidores e o comportamento, colocando-se a hipótese de que quanto maior a percepção de pares consumidores, maior a frequência de consumo do jovem, procedendo-se a nova correlação. Os resultados apresentaram-se no mesmo sentido, não havendo um efeito no consumo quando se percecionam pares consumidores.

Uma das explicações mais amplamente referenciadas neste caso é o efeito do falso consenso (Castrucci et al., 2002; Maxwell, 2002; Oetting & Dinges, 1993), indicando que para normalizar o seu comportamento, os adolescentes exageram a prevalência de consumo entre os pares e reduzem a sua, criando um enviesamento de resposta. Além disso, no questionário foi pedido aos sujeitos que indicassem a quantidade de “amigos”

consumidores, mas é incerto se os jovens consideraram todos os colegas ou só os que estão no seu grupo imediato de referência (Castrucci et al., 2002).

Aparentemente, nestes jovens o consumo de tabaco, álcool e drogas pelos pares não parece influenciar a iniciação e manutenção do consumo do próprio. De qualquer forma, os jovens não consumidores podem sustentar estimativas erradas e exageradas quanto ao consumo dos pares, constituindo sempre um risco para o seu envolvimento futuro nestas condutas. Portanto, nas iniciativas de prevenção, é importante tentar modificar estas percepções, por exemplo através do desafio às crenças normativas sobre o consumo dos pares (Musher-Eizenman et al., 2003), fornecendo os indicadores reais de consumo.

Outra perspectiva que vem mais de encontro aos resultados deste estudo, é de que a presença dos amigos nem sempre promove a tomada do risco, podendo até agir como protetor de atividades arriscadas (Maxwell, 2002). Bauman e Ennett (1994) apresentam assim uma proposta que sustenta a ideia que de a influência dos pares pode ser menos importante para o consumo do que é frequentemente assumido. Os autores indicam que questionar os sujeitos sobre a frequência de consumo dos pares não é uma boa forma de analisar esta variável, pois o que se verifica é a ocorrência de um processo de projeção, em que os jovens projetam o seu próprio comportamento no dos amigos. Para contrariar esta tendência, têm sido desenvolvidos outros métodos, como questionar os adolescentes de que forma se envolvem com os pares em consumos.

Quadro 3 – Matriz de correlações Momento-Produto de *Pearson* entre a percepção de consumos de tabaco, álcool e drogas dos pares e as atitudes dos jovens face às mesmas substâncias

		<i>Score total das subescalas de atitudes</i>		
		Tabaco	Álcool	Drogas
<i>Percepção consumo dos pares por substância</i>	Tabaco N = 115	.136 (ns)	.160 (ns)	.038 (ns)
	Álcool N = 110	.492 ($p = .000$)	.180 (ns)	.020 (ns)
	Drogas N = 110	.359 ($p = .000$)	.059 (ns)	.179 (ns)

Hipótese 6

Para testar a hipótese 6 – os jovens que percebem uma interação positiva com os pais apresentam menos atitudes favoráveis em relação ao tabaco, álcool e drogas – analisaram-se as variáveis relativas à percepção da interação com o pai e com a mãe, tendo-se dicotomizado estas variáveis em “muito mal e mal” e “bem e muito bem”, e as três subescalas de atitudes em relação ao tabaco, álcool e drogas, através do teste *P* de Pearson.

Os resultados não apresentam correlações significativas para nenhuma das variáveis (cf. Quadro 4): os jovens que indicam uma interação positiva com o pai não apresentam atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco, $r(109) = 0.135$, *ns*; nem em relação ao álcool, $r(109) = 0.34$, *ns*; nem em relação às drogas, $r(109) = 0.141$, *ns*. E os sujeitos que percebem uma interação positiva com a mãe, também não sustentam atitudes mais favoráveis em relação ao tabaco, $r(115) = 0.13$, *ns*; nem em relação ao álcool, $r(115) = 0.124$, *ns*; nem às drogas, $r(115) = 0.127$, *ns*.

Quadro 4 – Matriz de correlações Momento-Produto de Pearson entre a percepção da interação com os progenitores e as atitudes dos jovens face ao tabaco, álcool e drogas

		Score total das subescalas de atitudes		
		Tabaco	Álcool	Drogas
Percepção interação pais	Pai N = 109	.135 (<i>ns</i>)	.034 (<i>ns</i>)	.141 (<i>ns</i>)
	Mãe N = 115	.013 (<i>ns</i>)	.124 (<i>ns</i>)	.127 (<i>ns</i>)

A maior parte dos sujeitos, como anteriormente se verificou, refere ter uma interação positiva com ambos os progenitores. No entanto, aqui constatamos que essa variável não se encontra relacionada com atitudes desfavoráveis em relação às substâncias psicoativas, colocando-se a hipótese explicativa de que o nível de interação satisfatória com os pais pode ser apenas um mediador ténue das atitudes, e existirem outras variáveis com uma importância superior. Por outro lado, poderia ter-se procedido a uma exploração mais aprofundada desta questão da interação pai-filho, por exemplo procurar que de forma os jovens sentem que os pais são calorosos, que comunicam bem com os progenitores e estão satisfeitos com a relação (Crosnoe, 2006).

Ainda assim, persiste a necessidade de intervenções preventivas que abranjam fatores de risco e de proteção no contexto familiar (Moore et al., 2010), e programas de prevenção de competências parentais (Hawkins et al., 1992).

2.3.2. Análise e discussão qualitativa

No focus-grupo pretendeu-se aceder aos significados atribuídos pelos sujeitos ao fenómeno do consumo de substâncias psicoativas dos jovens, em várias vertentes pessoais e contextuais, complementando a avaliação através do instrumento quantitativo, e tentando alcançar novos resultados. Assim, as categorias emergentes da análise de conteúdo foram as seguintes: nível de risco do consumo de álcool, tabaco e outras drogas; motivos para consumir ATOD; motivos para ficar embriagado, crenças legitimadoras do consumo; prevenção; enquadramento legal; e disponibilidade das substâncias.

De um modo geral, os participantes expressaram uma atitude desfavorável face às drogas, embora mediada por uma crença de que o nível de risco depende da quantidade que se consome, o que pode constituir-se como um indicador de risco para a experimentação e envolvimento em ulteriores consumos dos sujeitos que já se envolveram nesta conduta.

Em consonância com o que é postulado por vários autores acerca da influência preponderante dos pares como um dos fatores propiciador de consumos, os sujeitos atribuíram como principal influência externa para consumir substâncias psicoativas duas dimensões destes elementos: o consumo para integração no grupo de pares, para obter maior proximidade com amigos, e a superioridade social dos consumidores, que atraem a si outros jovens que os consideram “os maiores” (sic). Quanto às influências internas, são similares tanto para o consumo de tabaco e drogas, como para o consumo de álcool e a embriaguez, que os participantes atribuem como formas de desinibição e de sensação de maior à vontade em situações sociais. Para estes jovens, o consumo de substâncias psicoativas desencadeia um maior sentimento de segurança e de liberdade.

Foram evidentes algumas crenças legitimadoras dos consumos, principalmente dos sujeitos que já se envolveram nessas condutas, que efetuaram comparações entre as substâncias: “O álcool não faz tão mal como a droga” (sic); “Faz pior o tabaco do que a ganza ou a erva” (sic). Além disso, foi evidente uma maior legitimação do consumo de álcool, não só pelos sujeitos consumidores, com afirmações como “(...) já está implementado na nossa sociedade” (sic); “Toda a gente o faz, toda a gente bebe” (sic). De facto, como referem Dishion e Owen (2002), existe entre uma maior normatividade do consumo de álcool, que leva a que as dinâmicas associadas com a emergência dos

consumos desta substância não se adequem ao padrão desenvolvimental característico de outros comportamentos problema.

Na categoria referente à prevenção, os participantes consideraram que um jovem se pode manter afastado de consumos tomando contacto com a observação de consequências negativas nos outros (amigos, família, programas de televisão); pela influência de profissionais; ou num plano mais interno, para estes sujeitos, os jovens que não se envolvem em condutas de consumo são aqueles que resistem às influências do meio, o que está em consonância com um dos indicadores de prevenção mais eficaz, o treino de resistência às pressões para consumir substâncias psicoativas (Nation et al., 2003). Além disso, uma participante não consumidora refere que alguns jovens “não se sentem atraídos por aquilo, não os fascina”, inclinando-se aqui para uma conceção de baixo nível de *sensation seeking* pelos não consumidores.

No geral, constata-se que a noção de prevenção destes adolescentes é bastante vaga, confundindo-se com o conceito de proibição: “podia-se pôr câmaras, dar multas” (sic). Quanto à prevenção em meio escolar, os participantes consideram que qualquer esforço não surtirá efeito, uma vez que o não consumo é uma conduta de iniciativa exclusivamente pessoal: “Podem avisar, não vamos deixar de fazer por avisarem, é por nós mesmos” (sic). Os sujeitos reportam uma ação de prevenção com agentes policiais (referindo-se ao programa Escola Segura), mas não deixam de referir que estes também consomem e traficam. Neste caso, a escola tem a responsabilidade de inverter estas atribuições, tendo um papel crítico em influenciar os comportamentos positivos que podem levar à prevenção dos consumos (Sale et al., 2003)

Questionados sobre o discurso da família, nomeadamente dos progenitores sobre o tema das drogas, os jovens indicam que não é um assunto frequente na interação pai-filho, o que ressalta a necessidade da intervenção alargada aos vários sistemas de referência do indivíduo.

Foi ainda abordada a questão legal da proibição do comércio de drogas, contraposta à autorização da venda de álcool e tabaco, no sentido de compreender mais aprofundadamente as atitudes dos jovens em relação a este ponto. No geral, os jovens não concordam com este cenário, argumentando que se deveria comercializar livremente todas as substâncias. Por outro lado, emerge numa participante não consumidora a crença de que se fosse proibida a venda de tabaco, os consumos não teriam tanta prevalência, e num participante consumidor, a ideia de “se não é legal as pessoas gostam disso, dá pica”,

podendo observar-se aqui as diferenças de atitudes entre consumidores e não consumidores.

Por fim, os jovens foram questionados sobre a disponibilidade de drogas no Bairro do Cerco, e na escola. As opiniões dividem-se, havendo sujeitos que indicaram uma elevada prevalência de tráfico, e outros que não consideram o Bairro do Cerco diferente dos outros bairros onde se trafica. Quanto à disponibilidade na escola, alguns sujeitos admitem o tráfico interno, e fazem referência aos alunos que chegam intoxicados à sala de aula, desencadeando atitudes nos professores. Kuntsche e Jordan (2006) discutem que só o facto de os jovens observarem os pares sob o efeito de substâncias psicoativas na escola pode influenciar as suas atitudes e posteriores consumos, realçando a necessidade de criar um ambiente de desaprovação ao uso de drogas. Os autores argumentam ainda que a disponibilidade da substância pode aumentar os consumos, ao tornar normativa a presença das drogas entre os jovens. No entanto, nesta escola, apesar de os alunos relatarem que estão em estreito contacto com pares consumidores, em comparação com os dados nacionais, a prevalência de consumo é mais baixa, como já referido.

Há outros indicadores importantes a destacar neste focus-grupo, que se situam além das questões presentes no guião. Globalmente, o discurso dos jovens centrou-se principalmente em torno do álcool, com expressão de atitudes mais favoráveis e perceção de menos consequências negativas dos consumos, podendo colocar-se aqui de novo a hipótese da disponibilidade da substância. Por outro lado, a maior parte dos sujeitos admitiu facilmente ter figuras significativas na família que consomem tabaco, e relataram as consequências que já daí advieram, considerando que a observação desses modelos tem um efeito inibidor dos consumos para si. Além da família, também se mostraram indignados pelo consumo de tabaco dos professores e dos funcionários nas imediações da escola, o que sugere que as iniciativas de prevenção devem abranger as atitudes de toda a comunidade escolar.

Os participantes intervieram ativamente ao longo do focus-grupo. No entanto, foi possível constatar que ao mesmo tempo que os consumidores tinham maior abertura em expor as suas opiniões, não sem ter a prudência de efetuar racionalizações que legitimam os seus consumos como “eu fumo e quando quero paro” (sic), os não consumidores mantiveram-se mais reservados, apresentando atitudes mais desfavoráveis e menor conhecimento sobre as drogas.

Síntese Integrativa dos Dados

É possível cruzar alguns dados provenientes da recolha de informação quantitativa, com a recolha qualitativa no focus-grupo, no sentido de potenciar interpretações mais ricas. Assim, a hipótese central do estudo quantitativo colocou em interação a influência das atitudes no comportamento, confirmando-se que os sujeitos com atitudes mais favoráveis em relação às substâncias psicoativas, são também aqueles que efetuam mais consumos das mesmas. No focus-grupo, essa associação foi também evidente, principalmente na medida em que os sujeitos consumidores descredibilizaram mais os riscos associados aos consumos, indicando crenças legitimadoras dos mesmos mais fortes ao longo do debate.

A questão não confirmada pelo estudo quantitativo, de que quanto maior a perceção do jovem de pares consumidores, mais favoráveis as suas atitudes em relação às substâncias psicoativas parece inverter-se no focus-grupo, pois os participantes foram referindo a preponderância da influência dos pares nos consumos dos jovens, quer a um nível direto de incentivo, como indireto, de observação social. No entanto, os sujeitos foram no mesmo sentido da infirmação da hipótese quantitativa, ao referirem que o grau de influência do grupo de pares depende de fatores internos ao jovem, como a atração pelas substâncias ou a falta de poder de decisão individual, cedendo às pressões.

Pelas características da escala de atitudes, não dispomos de dados que nos permitam inferir em que substância os sujeitos relatam mais atitudes favoráveis. No entanto, os indicadores epidemiológicos salientam a prevalência de consumo de álcool como a mais elevada entre as substâncias inquiridas, e dentro deste, as bebidas destiladas ocupam um papel central. Além disso, os sujeitos consumidores expressaram também mais atitudes favoráveis que os não consumidores. No focus-grupo, como já referido, o álcool teve uma transversalidade evidente ao longo de todas as questões, com crenças mais legitimadoras para esta substância e perceção de um enraizamento na sociedade portuguesa, o que volta a colocar esta substância e todos os fatores envolventes, como um dos principais resultados com implicações neste estudo.

Finalmente, quanto à influência do contexto familiar, o cruzamento dos dados das duas recolhas também é congruente, pois no estudo qualitativo, uma boa interação com os progenitores não prediz atitudes desfavoráveis em relação às substâncias psicoativas, e no estudo quantitativo, percebemos que esse fator pode ser enfatizado pela ausência do assunto das drogas no seio familiar, o que pode predizer atitudes favoráveis e necessidade de trabalhar com as famílias.

Considerações Finais

O estudo do consumo de substâncias psicoativas nos jovens é pautado por inúmeras investigações, teorias, e implicações que têm fornecido um entendimento mais rico do fenômeno, levando a que os psicólogos tenham um papel fundamental na intervenção, auxiliando os adolescentes a tomar decisões saudáveis e responsáveis para a sua conduta de vida. No entanto, salienta-se a necessidade de recuar para uma das características pessoais mais significativas do sujeito, as atitudes, procurando as percepções contidas na individualidade de cada um, o seu grau de influência no comportamento e o seu potencial de mudança.

Este trabalho, que procurou explorar as atitudes dos adolescentes face ao tabaco, álcool e drogas, em relação com variáveis pessoais e contextuais, teve alguns resultados consistentes com a literatura analisada, e outros inesperados, com correspondências interpretativas importantes para a intervenção. De forma geral, a prevalência dos consumos desta amostra de alunos do 7º e 9º ano da Escola Básica e Secundária do Cerco situa-se abaixo das médias nacionais para as substâncias abrangidas, o que contribui para um processo de desmistificação de algumas características da população inserida neste contexto, conotado ao longo dos anos com tantos indicadores negativos de desviância, e intensifica a necessidade de um trabalho contínuo com estes jovens, no sentido de potenciar a resiliência e estilos de vida saudáveis, uma vez que uma fração dos jovens já se encontra envolvido em consumos, salientando a necessidade de uma intervenção precoce.

Quanto à medição das atitudes, em primeiro lugar, tanto na comparação de género como de idade os resultados foram inesperados, por não existirem diferenças, o que deve ser estudado com maior detalhe, no sentido de compreender estes processos de igualização. Além disso, confirmou-se que os sujeitos com um padrão de consumo mais elevado são aqueles que detêm atitudes mais favoráveis em relação às substâncias psicoativas, um resultado esperado e que ressalta a necessidade de intervenções preventivas para inverter esta tendência. Uma implicação futura seria comparar estes dados com outras escolas, de contextos sociais diferentes, à semelhança do trabalho de Ennett e colaboradores (1997), que avaliaram a variabilidade das taxas de prevalência de consumos de drogas e as atitudes dos jovens em várias zonas, e contrariamente ao esperado, os consumos e as atitudes mais favoráveis face ao consumo foram superiores em escolas localizadas em zonas com mais vantagens sociais.

Por outro lado, uma vez que a prevalência de consumos é baixa nestes participantes, é necessário ter em conta que uma elevada percentagem da amostra é não consumidora, o que denota a importância de examinar não só como os adolescentes são encorajados a consumir, mas também como são protegidos, tanto num plano interno como externo, potenciando os efeitos de certos fatores de proteção.

Ao nível das implicações para a prevenção, é importante desenvolver estratégias preventivas intensificadas e especiais em relação ao álcool, não colocando de parte as restantes, pois os estudos indicam que os esforços de prevenção que têm como alvo apenas uma substância podem não ser tão eficazes em refrear o seu consumo (D'Amico & McCarty, 2006), e tendo sempre em conta que o álcool é um propiciador de consumos de outras substâncias.

Outro resultado interessante pela novidade que representa em relação à maioria das investigações, é o facto de a influência dos pares e da família nas atitudes dos adolescentes não terem registado as associações positivas esperadas, quando é largamente documentado o seu peso nas condutas dos sujeitos. Por outro lado, o insucesso escolar, uma variável menos abordada, apresentou-se como tendo uma influência expressiva nas atitudes favoráveis dos jovens em relação às substâncias psicoativas, o que indica um domínio dos fatores escolares nas perceções do sujeito, e a pertinência de se continuar a investigar neste sentido.

O estudo contém algumas limitações que é importante explicitar, no sentido de clarificar alguns resultados. Em primeiro lugar, sendo um trabalho que pretendia analisar os consumos e atitudes de adolescentes, inseridos no Bairro do Cerco do Porto, a utilização de uma amostra escolar pode excluir sujeitos absentistas e desistentes, que estão potencialmente em maior risco, a avaliar pelos resultados de atitudes mais favoráveis nos sujeitos que relatam insucesso escolar. Além disso, o tópico das drogas reveste-se de algumas especificidades, ao se constituir como um assunto com uma elevada reprovação social, que os jovens apreendem e que os pode levar a não responder de acordo com as suas verdadeiras perceções. De facto, apesar de se ter reforçado a confidencialidade, o instrumento quantitativo estava sujeito a elevada desejabilidade social, principalmente a escala de atitudes, podendo suscitar enviesamentos de resposta e relatos socialmente adequados (Robinson; Shaver; Wrightsman, 1991), tanto nos sujeitos consumidores como nos abstinentes, assim como o momento de recolha qualitativa, em que na presença dos pares, os sujeitos podem ter uma conduta de proteção semelhante.

De uma forma geral, os resultados deste estudo apontam no mesmo sentido da investigação preventiva atual, ao ressaltar a inclusão de tantos agentes ecológicos da vida do jovem quanto possível, nomeadamente a família nuclear, a escola (pais, professores, funcionários), e toda a comunidade envolvente, com desenvolvimento de conexões entre todos, num modelo de prevenção multidimensional que potencie a criação de um ambiente eficaz de desaprovação do consumo de substâncias.

Além disso, para as intervenções serem compreensivas é necessária mais investigação sobre o que define as perceções dos estudantes e modela as suas atitudes face aos consumos, para se inverter a tendência da implementação de programas sem consideração suficiente pelo indivíduo. No caso específico deste trabalho, a escola pode desenvolver competências para os jovens lidarem com as atribuições negativas do bairro, a disponibilidade da substância dentro e fora da escola, inverter as crenças legitimadoras do consumo procurando uma identificação diferente relacionada com os fatores de proteção. De qualquer forma, o caminho a percorrer no âmbito da prevenção do consumo de substâncias psicoativas ainda se avizinha longo, até ser possível alcançar um desenvolvimento mais saudável dos jovens.

Referências Bibliográficas

- Abraão, I., & Tavares, A. (2010). Trilhos – Desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Reflexões sobre a metodologia de avaliação. *Toxicodependências*, 16, 3, 67-78.
- Ajzen, I. (1988). *Attitudes, personality and behavior*. Milton Keynes: Open University Press.
- Banaji, M. & Heiphetz, L. (2010). Attitudes. In Fiske, S., Gilbert, D., & Lindzey, G. (2010). *The handbook of social psychology*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barkin, S., Smith, K., & Durant, R. (2002). Social skills and attitudes associated with substance use behaviors among young adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 30, 448-454.
- Bauman, K., & Ennett, S. (1994). Peer influence on adolescent drug use. *American Psychologist*, 49, 820-822.
- Bohner, G., & Wänke, M. (2002). *Attitudes and attitude change*. New York: Psychology Press.
- Botvin, G. (2000). Preventing drug abuse in schools: social and competence enhancement approaches targeting individual-level etiologic factors. *Addictive Behaviors*, 25, 6, 887-897.
- Botvin, G. (1996). Substance abuse prevention through life skills training. In Peters, R., & McMahon, R. (1996). *Preventing childhood disorders, substance abuse, and delinquency*. Thousand Oaks: Sage Publications.

- Brook, J., Brook, D., De la Rosa, M., Whiteman, M., Johnson, E., & Montoya, I. (2001). Adolescent illegal drug use: the impact of personality, family and environmental factors. *Journal of Behavioral Medicine*, 24, 2, 183 – 203.
- Bryant, A., Schulenberg, J., Bachman, J., O'Malley, P., & Johnston, L. (2000). Understanding the links among school misbehavior academic achievement, and cigarette use: A national panel study of adolescents. *Prevention Science*, 1, 2, 71-87.
- Bryant, A. ,& Zimmerman, M. (2002). Examining the effects of academic beliefs and behavior on changes in substance use among urban adolescents. *Journal of Educational Psychology*, 94, 3, 621-637.
- Carvalho, J., Frango, P., & Martins, M. (2011). Prevenção das toxicodependências em grupos vulneráveis: os resultados do Programa de Intervenção Focalizada – PIF. *Toxicodependências*, 17, 2, 53-66.
- Castrucci, B., Gerlach, K., Kaufman, N., & Orleans, T. (2002). The association among adolescents' tobacco use, their beliefs and attitudes, and friends' and parents' opinions of smoking. *Maternal and Child Health Journal*, 6, 3, 159-167.
- Chitas, V. (2010). *Consumo de drogas e outros comportamentos de risco na adolescência. Fatores de risco e fatores de proteção*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, Portugal.
- Crosnoe, R. (2006). The connection between academic failure and adolescent drinking in secondary school. *Sociology of Education*, 79, 44-60.
- Cuijpers, P. (2002). Effective ingredients of school-based prevention programs – a systematic review. *Addictive Behaviors*, 27, 1009-1023.
- Cunha-Filho, H., & Ferreira Borges, C. (2008). *Uso de substâncias: álcool, tabaco e outras drogas*. Lisboa: Coisas de ler – Edições Unipessoal

- Curic, C., & Sanchez-Way (2002). *The national cross-site evaluation of high-risk youth programs*. SAMHSA: Maryland.
- Curran, P., Stice, E., & Chassin, L. (1997). The relation between adolescent alcohol use and peer alcohol use: a longitudinal random coefficients model. *Journal of consulting and clinical psychology*, 65, 1, 130-140.
- D' Amico, E., & McCarty, D. (2006). Escalation and initiation on younger adolescents' substance use: the impact of perceived peer use. *Journal of Adolescent Health*, 39, 481-487.
- Dishion, T., & Owen, L. (2002). A longitudinal analysis of friendships and substance use: bidirectional influence from adolescence to adulthood. *Developmental Psychology*, 38, 480-491.
- Eagly, A., & Chaiken, S. (1998). Attitude structure and function. In Gilbert, D., Fiske, S., & Lindzey, G. (1998). *The handbook of social psychology*. Boston: The McGraw-Hill.
- Ennett, S., Flewelling, R., Lindrooth, R., & Norton, E. (1997). School and Neighborhood Characteristics Associated With School Rates of Alcohol, Cigarette and Marijuana Use. *Journal of Health and Social Behavior*, 38, 55-71.
- Farate, C. (2001). *O ato de consumo e o gesto que consome – “risco relacional” e o consumo de drogas no início da adolescência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. *Toxicodependências*, 16, 1, 29-46.
- Feijão, F., & Lavado, E. (2003a). Assimetrias geográficas e jovens consumidores de drogas. Portugal 2001. *Toxicodependências*, 9, 1, 73-84.

- Feijão, F., & Lavado, E. (2003b). *Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco e droga, em alunos do ensino público – Portugal Continental* (ECTAD, 2003). Lisboa: IDT. Retirado de www.idt.pt a 2 de setembro de 2011.
- Feijão, F., & Lavado, E. (2004). Evolução do consumo de drogas na adolescência – rutura ou continuidade? *Toxicodependências*, 10, 3, 31-47.
- Fernandes, L., & Neves, T. (2002). Ethnographic space-time: culture of resistance in a dangerous place. In Brochu, S., Agra, C., & Cousineau, M. (2002). *Drug and crime deviant pathways*. Aldershot: Ashgate.
- Fernandes, L., & Ramos, A. (2010). Exclusão social e violências quotidianas em “bairros degradados”: etnografia das drogas numa periferia urbana. *Toxicodependências*, 16, 2, 5-27.
- Gatins, D., & White, R. (2006). School-based substance abuse programs: can they influence students’ knowledge, attitudes, and behaviors related to substance abuse? *North American Journal of Psychology*, 8, 3, 517-532.
- Gilvarry, E. (2000). Substance abuse in young people. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41, 1, 55-80.
- Guerra, P. (2002). O Bairro do Cerco do Porto: cenários de pertenças, de afetividades e de simbologias. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, 1, 12, 65-144.
- Hawkins, J., Catalano, R., & Miller, J. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112, 1, 64-105.
- Hedman, E., Riis, U., & Gabre, P. (2010). The impact of behavioral interventions on young people’s attitudes toward tobacco use. *Oral Health & Preventive Dentistry*, 8, 1, 23-32.

- Henry, K., Swain, R., & Slater, M. (2005). Intraindividual variability of school bonding and adolescents' beliefs about the effect of substance use on future aspirations. *Prevention Science*, 6, 2, 101-112.
- Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A., & Kraus, L. (2009). *The 2007 E.S.P.A.D. Report: Substance Use Among Students in 35 European Countries*. Stockholm: The Swedish Council for Information on Alcohol and Other Drugs.
- Kandel, D., Kessler, R., & Margulies, R. (1978). Antecedents of adolescent initiation into stages of drug use: a developmental analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 7, 1, 13-40.
- Kelly, K., Comello, M., & Edwards, R. (2004). Attitudes of rural middle-school youth toward alcohol, tobacco, drugs, and violence. *The Rural Educator*, 25, 3, 19-24.
- Knight, J., Shrier, L., Bravender, T., Farrell, M., Bilt, J., & Shaffer, H. (1999). A new brief screen for adolescent substance abuse. *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine*, 153, 591-596.
- Krosnick, J. (1982). Transitions in social influence at adolescence: who induces cigarette smoking? *Developmental Psychology*, 18, 3, 359-368.
- Kuntsche, E., & Jordan, M. (2006). Adolescent alcohol and cannabis use in relation to peer and school factors. Results of multilevel analysis. *Drug and Alcohol Dependence*, 84, 167-174.
- Labandeiro, I. (2004). *"A Vida num Cerco" – Exclusão Social – Um Estudo de Caso e Histórias de Vida no Bairro do Cerco do Porto*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal.
- Lintonen, T., & Konu, A. (2003). Adolescent alcohol beverage type choices reflect their substance use patterns and attitudes. *Journal of Youth and Adolescence*, 32, 4, 279-289.

- Macaulay, A., Griffin, K., Gronewold, E., Williams, C., & Botvin, G. (2005). Parenting practices and adolescent drug-related knowledge, attitudes, norms and behavior. *Journal of Drug and Alcohol Education*, 49, 2, 67-83.
- Marczak, M., & Sewell, M. (s.d). Using focus groups for evaluation. Retirado de <http://ag.arizona.edu/sfcs/cyfernet/cyfar/focus.htm>, a 25 de maio de 2011.
- Matos, M. (2008). *Consumo de Substâncias. Estilo de vida? À procura de um estilo?* Lisboa: IDT.
- Maxwell, K. (2002). Friends: the role of peer influence across adolescent risk behaviors. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 4, 267-277.
- Mercer, G. & Kohn, P. (1980). Child-rearing factors, authoritarianism, drug use attitudes, and adolescent drug use: a model. *The Journal of Genetic Psychology*, 136, 159-171.
- Moore, G.; Rothwell, H., & Segrott, J. (2010). An exploratory study of the relationship between parental attitudes and behaviour and young peoples' consumption of alcohol. (2010). *Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy*, 5, 6, 1-14.
- Morgan, D. (1998). *The focus-group guidebook*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Musher-Eizenman, D., Holub, S., & Arnett, M. (2003). Attitude and peer influences on adolescent substance use: the moderating effect of age, sex and substance. *Journal of Drug Education*, 33, 1, 1-23.
- Naia, A., Simões, C., & Matos, M. (2007). Consumo de substâncias na adolescência. *Toxicodependências*, 13, 3, 23-30.
- Nation, M., Crusto, C., Wandersman, A., Kumpfer, K., Seybolt, D., Morrissey, E., & Davino, K. (2003). What works in prevention – principles of effective prevention programs. *American Psychologist*, 58, 6/7, 449-456.

- Nation, M., & Heflinger, C. (2006). Risk factors for serious alcohol and drug use: the role of psychosocial variables in predicting the frequency of substance use among adolescents. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 32, 415-433.
- Negreiros, J. (1993). A medição das atitudes em relação ao álcool e drogas. In Agra, C. (1993). *Dizer a droga ouvir as drogas: estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo*. Porto: Radicário.
- Negreiros, J. (1986). Atitudes e consumo de tabaco, álcool e droga: implicações para a prevenção. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 89-95.
- Negreiros, J. (1995). Avaliação de programas de prevenção do abuso de drogas. Resultados de três décadas de investigação. *Psicologia – revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 10, 3, 143-154.
- Negreiros, J. (1999). O futuro da prevenção das toxicodependências. *Toxicodependências*, 3, 35-39.
- Negreiros, J. (2001). *Padrões e consequências do consumo de drogas em Matosinhos: resultados na população estudantil e em consumidores problemáticos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.
- Negreiros, J. (1998). *Prevenção do abuso de álcool e drogas nos jovens*. Porto: Radicário.
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta
- Oetting, E., & Beauvais, F. (1987). Peer cluster theory, socialization characteristics, and adolescent drug use: a path analysis. *Journal of counseling psychology*, 34, 2, 205-213.
- Oetting, E. & Dinges, M. (1993). Similarity in drug use patterns between adolescents and their friends. *Adolescence*, 28, 110, 253-266.

- Palmqvist, R., & Santavirta, N. (2006). What friends are for: the relationship between body image, substance use, and peer influence among Finnish adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 2, 203-217.
- Pfingsten, K. (1994). *High school students' attitude toward and use of alcohol*. Tese de Mestrado. Universidade de Iowa, Kansas, E.U.A.
- Redetzke, P. (1996). *Attitudes toward alcohol and other mind altering substances of students in seventh, eighth, and ninth grades*. Tese de Mestrado. Fort Hays State University, Kansas, EUA.
- Robinson, J., Shaver, P., & Wrightsman, L. (1991). *Measures of personality and social psychological attitudes*. San Diego: Academic Press.
- Rodrigo, M., Máiquez, M., Garcia, M., Mendoza, R, Rubio, A, Martínez, A., & Martín, J. (2004). Relaciones padres-hijos y estilos de vida en la adolescência. *Psicothema*, 16, 2, 203-210.
- Sale, E., Sambrano, S., Springer, J., & Turner, C. (2003). Risk, protection, and substance use in adolescents: a multisite model. *Journal of Drug Education*, 33, 1, 91-105.
- Vilela, L.; Macho, P.; & Almeida, G. (2011). Consumo de álcool em adolescentes e psicopatologia associada. *Toxicodependências*, 17, 1, 43-52
- Wallace, S., & Fisher, C. (2007). Substance use attitudes among urban black adolescent: the role of parent, peer, and cultural factors. *Journal of Youth and Adolescence*, 36, 441-451.

Anexos

Anexo 1

Instrumento Quantitativo

Nickname: _____

Este questionário está inserido no âmbito do projecto do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e destina-se ao estudo de opiniões sobre drogas.

O que te pedimos é que penses um pouco sobre cada questão, pois é muito importante que respondas com consciência e sinceridade, para que os resultados sejam fidedignos e o estudo possa cumprir os seus objetivos.

Os dados são rigorosamente anónimos e confidenciais, servindo apenas para o tratamento estatístico, pelo que não deves escrever o teu nome em nenhuma folha deste questionário. É pedido um “nickname” para que mais tarde te possamos contactar, numa nova fase do estudo.

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

3. Ano e turma que frequentas: _____

4. Reprovaste algum (alguns) ano(s) desde a escola primária? Sim ☐ Não ☐

5. Se sim, quantas vezes?

1	2	3 ou +

6. Qual o grau de instrução dos teus pais? (Assinala com um (X) o quadrado que interessa)

	Pai	Mãe
Não frequentou a escola		
Ensino primário		
2º ou 3º ciclo (5º ao 9º ano)		
Ensino secundário (10º ao 12º ano)		
Curso profissional		
Curso superior		

7. Como é que te dás com os teus pais? (Assinala com um (X) o quadrado que interessa)

Pai

Muito mal	Mal	Nem bem nem mal	Bem	Muito bem

Mãe

Muito mal	Mal	Nem bem nem mal	Bem	Muito bem

I Caracterização do consumo de tabaco

8. Quantas vezes na tua vida já fumaste cigarros?

0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +

9. Com que frequência fumaste cigarros nos últimos 30 dias?

0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +

10. Quando começaste a fumar, foi com alguma destas pessoas? (Assinala todas as que interessam)

Nunca fumei ☐

Com o (a) namorado (a) ☐

Sozinho ☐

Com amigos (as) ☐

Com um familiar ☐

II Caracterização do consumo de bebidas alcoólicas

11. Quantas vezes tomaste bebidas alcoólicas (exemplos: cerveja, vinho, champanhe, aguardente, whisky, vodka)? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Ao longo da vida...							
Últimos 12 meses...							
Últimos 30 dias...							

12. Pensa no que aconteceu nos últimos 30 dias. Quantas vezes tomaste as seguintes bebidas? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Cerveja							
Vinho							
Bebidas destiladas (shots, whisky, vodka, aguardente, brandy, rum, etc)							

13. Pensa no que aconteceu nos últimos 30 dias. Quantas vezes tomaste 5 (cinco) ou mais bebidas seguidas? (Uma bebida é por exemplo um copo de vinho, uma garrafa de cerveja ou um cálice/shot de uma bebida destilada)

Nenhuma ○

3 a 5 vezes ○

1 vez ○

6 a 9 vezes ○

2 vezes ○

10 ou mais ○

14. Quantas vezes ficaste embriagado? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Ao longo da vida...							
Últimos 12 meses...							
Últimos 30 dias...							

III Caracterização do consumo de outras drogas

15. Quantas vezes consumiste marijuana/haxixe/ganza/charros? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Ao longo da vida...							
Últimos 12 meses...							
Últimos 30 dias...							

16. Quantas vezes usaste as seguintes drogas? (Assinala com um X apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Tranquilizantes, “drunfos” ou sedativos (sem indicação médica)							
Estimulantes, anfetaminas ou speeds (sem indicação médica)							
LSD, ácidos ou outros alucinogéneos							
Crack							
Cocaína							
Heroína							
Relevim							
Ecstasy (rodas)							
Inalantes (colas, solventes)							

17. Com que idade começaste a fazer as seguintes coisas? (Assinala com um X apenas um quadrado em cada linha)

Idade em anos

	Nunca	11 ou menos	12	13	14	15	16	17 ou +
Beber cerveja (<i>pelo menos um copo</i>)								
Beber vinho (<i>pelo menos um copo</i>)								
Beber bebida destilada (<i>pelo menos um copo</i>)								
Fumar cigarros diariamente								
Experimentar estimulantes/anfetaminas								
Experimentar tranquilizantes ou sedativos								
Experimentar marijuana ou haxixe								
Experimentar LSD ou outros alucinogéneos								
Experimentar crack								
Experimentar cocaína								
Experimentar relevim								
Experimentar heroína								
Experimentar ecstasy								
Cheirar demoradamente inalantes (cola, solventes, etc.) pelos seus efeitos								

18. Quantos amigos teus achas que... (Assinala uma cruz em cada linha)

	Nenhum	Poucos	Alguns	A maioria	Não sei
Fumam cigarros					
Bebem bebidas alcoólicas					
Usam drogas					

As pessoas podem apresentar diferentes opiniões acerca do consumo do tabaco, álcool e drogas. As frases que se seguem dizem respeito a algumas dessas opiniões. Tratando-se de opiniões, as respostas não podem ser consideradas certas ou erradas, sendo, por isso, importante que a tua resposta exprima realmente o que pensas sobre o assunto. Para tal basta que coloques um círculo à volta do número que está mais próximo, indicando, assim o grau de acordo ou desacordo relativo a cada uma das afirmações apresentadas.

Tabaco

1. As pessoas que fumam têm uma personalidade mais forte.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

2. Está correta a proibição de fumar em todos os recintos fechados.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

3. Admiro as pessoas que gostam de fumar.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

4. Deveria ser proibida a venda de tabaco.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

5. Fumar é uma maneira errada de reagir a situações que nos provocam nervosismo.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

6. Os jovens que fumam têm mais amigos.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

7. Fumar torna uma pessoa mais fixe.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

8. Fumar provoca vários prejuízos à pessoa.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

9. Fumar é um assunto de cada um, ninguém se deve meter.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

Álcool

1. Não há mal nenhum em consumir bebidas alcoólicas se isso fizer com que a pessoa se sinta melhor.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

2. É mais fácil relacionarmo-nos com as outras pessoas depois de termos consumido bebidas alcoólicas.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

3. Proibir o consumo de bebidas alcoólicas em locais públicos a partir de uma certa hora, seria uma medida errada.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

4. Quem for apanhado a conduzir com excesso de álcool no sangue deve ser preso.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

5. Beber bebidas alcoólicas é perigoso para a saúde.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

6. Deveria ser proibida a compra e o consumo de bebidas alcoólicas a jovens com menos de 18 anos de idade.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

7. Em certas ocasiões o consumo de álcool pode ajudar a fazer amizades.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

8. A escola deveria organizar atividades que ajudassem os alunos a tomar decisões responsáveis relativamente ao uso de álcool.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

9. Beber moderadamente faz parte de uma vida normal.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

10. Às vezes é importante as pessoas consumirem bebidas alcoólicas para relaxarem.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

11. Por vezes os adultos exageram sobre as consequências negativas do álcool.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

12. Os jovens que nunca consomem álcool têm mais dificuldades em fazer amigos.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

Drogas

1. Não há mal nenhum em consumir drogas desde que a pessoa se sintam bem.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

2. Usar drogas é mau para a saúde mesmo que seja só para experimentar.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

3. Certos tipos de drogas deveriam ser legalizadas.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

4. Nem todas as drogas são prejudiciais para a saúde.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

5. Nunca consumiria drogas mesmo que o seu uso estivesse legalizado e fossem fáceis de obter.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

6. Quem vender drogas deve ir para a cadeia.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

7. Se tivesse oportunidade gostaria de experimentar os efeitos de certas drogas.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

8. Se as drogas fossem usadas pelos jovens com moderação quase não haveria consequências sérias.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

9. Não compreendo porque é que os jovens precisam das drogas para se divertirem.

Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

10. A maioria dos jovens que consome drogas tem outros problemas.

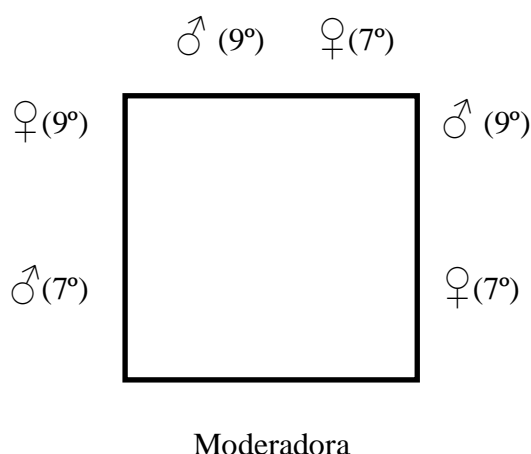
Concordo Muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Muito
1	2	3	4	5

Muita obrigada pela tua colaboração.

Anexo 2

Guião Focus-Grupo

Disposição do grupo:



1. Apresentação: Depois de terem preenchido aquele questionário, estou agora interessada nas vossas opiniões acerca das drogas. Quando falo de drogas já sabem que também me refiro a tabaco e álcool. Podem concordar, discordar, comentar o que uns e outros dizem. Não se esqueçam que estamos a gravas, é importante que fale um de cada vez, quero que todos tenham oportunidade de falar.

2. Quebra-gelo: Batata-quente – passar uma bola entre todos, quem recebe diz o seu nome e idade.

3. Questões introdutórias

- Se vos pedir para definirem a palavra droga, o que podem dizer? / O que são para vocês as drogas?
- De que drogas já ouviram falar? / Que drogas conhecem?
- O que pensam sobre as pessoas consumirem drogas?

4. Questões-chave

- O que acham que atrai um jovem / o que o leva a consumir drogas?
- Na vossa opinião, o que leva um jovem a ficar embriagado?

- c. Quais são as consequências do consumo? (positivas e negativas)
- d. O que acham que previne um jovem de consumir? / O que ajuda os jovens a manterem-se afastados?
- e. Os vossos pais já falaram convosco sobre drogas? O que disseram? Vamos imaginar que são a mãe/o pai de um adolescente e não querem que o vosso filho consuma drogas. O que diriam?
- f. O que acham que a escola poderia fazer para prevenir os consumos? Têm conhecimento de algo que já tenha sido feito? Participaram?
- g. Em relação às leis, o que acham de se poder vender álcool/tabaco e outras drogas não?
- h. No Bairro do Cerco, o que sabem sobre as drogas? Fala-se muito sobre isso (tráfico/consumo)? E o que ouvem falar fora do bairro? Acham que há exageros? E na escola?

Anexo 3

Grelha de Análise de Conteúdo – Focus-Grupo

Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
1. Nível de risco do consumo de ATOD	Baixo	- “Faz bem à saúde, algumas pessoas usam para curar certos tipos de doença” (marijuana)
	Alto	- “A ganza afeta-te logo o cérebro todo” - “É prejudicial para a saúde”
	Variável	- “Depende da quantidade que ingerimos”
2. Motivos para consumir ATOD	Influências externas	- Influência dos amigos/ver os outros a consumir – “Quase sempre, se estiveres a fumar muita gente fica a olhar, fica com o incentivo de ‘também quero’”. - “Podem ingerir sem saber que é droga” (pastilhas e pó nas bebida) - “Às vezes é só para estar à beira dos outros” - Integração no grupo de pares – “Se eles estivessem a fumar e eu fosse daquelas pessoas que ficava a olhar e achava que eles eram os maiores depois também queria” - “Para se armarem à frente dos outros. Ei eu fumo, sou o rei!” - “Veem o grupo ali a fumar e eles são os maiores” - Problemas da juventude, testes - Ameaças
	Influências internas	- “Têm problemas e querem esquecer” - “É por gosto em experimentar” - “Uma pessoa que não se senta à vontade pode consumir para estar mais desinibida, confortável, segura” - “Sente-se bem nessa altura” - “É para se sentirem os maiores e livres” - “Há pessoas que fumam por causa do <i>stress</i> ” - “Apetece, é o vício”
3. Motivos para ficar embriagado	Influências externas	- Problemas de família
	Influências internas	- “Querer experimentar, saber como é, a sensação” - “Se bebo uma bebida e gosto, vou beber outra”

		<ul style="list-style-type: none"> - “Sentem-se mais livres, mais à vontade com as outras pessoas” - Sentir-se o maior - Gostar, não se importar com as consequências negativas”
4. Crenças legitimadoras do consumo	Tabaco	<ul style="list-style-type: none"> - “É tudo psicológico, eu fumo e quando quero paro” - “A minha mãe prefere que eu experimente com ela (...) se ela não deixasse eu fazia mais depressa”
	Álcool	<ul style="list-style-type: none"> - “Ter mentalidade, decidir pela sua cabeça. Beber moderadamente ao longo de uma ocasião” - “Tenho sempre aquele limite que sinto como estou e paro, não bebo mais” - “É bom, bebes um bocado, de vez em quando pela noite, a noite é longa, tens tempo para beber, não podes beber tudo de uma vez” - “O álcool não faz tão mal como a droga” - “Os adultos usam para festejar, já está implementado na nossa sociedade” - “Toda a gente o faz, toda a gente bebe” - “Já vem dos tempos antigos, já bebiam vinho”
	Drogas	<ul style="list-style-type: none"> - “Faz pior o tabaco do que a ganza ou a erva” - “A erva sabe bem, é muito melhor que o cigarro e a ganza”
5. Prevenção	Motivos para não consumir	<ul style="list-style-type: none"> - “Notícias/media/programas de TV. “Veem pessoas a morrer” - Maus exemplos na família - Namorada/namorado - “Acompanhamento médico” - “Ver como é que os amigos ficam” - “Psicólogos” - “Ter mentalidade própria”; ”Não se deixar influenciar”; “Ter consciência do que faz”. - “Não se sentem atraídos por aquilo, não os fascina” - Conduzir/ter medo de multas/acidentes/responsabilidades
	Discurso da família	<p>“A minha mãe não fala muito sobre isso”</p> <p>“A minha mãe diz que faz mal, mas não gosta de falar sobre isso”</p> <p>“É muito raro os meus pais falarem disso, só quando dá nas notícias, a minha mãe diz ‘não sigas o mesmo caminho que aqueles’”</p>
	Escola	<ul style="list-style-type: none"> - “Não se pode fazer nada porque é um vício, já vem de família” - “Podem avisar, não vamos deixar de fazer por avisarem, é por nós mesmos” - “A escola faz muitas coisas de criancinhas e não faz coisas mais sérias”

		<ul style="list-style-type: none"> - “Já cá vieram polícias falar sobre drogas, mas eles também fumam e traficam” - “Podia-se pôr câmaras, dar multas”
6. Enquadramento legal	Comércio	<ul style="list-style-type: none"> “O país fala tanto para a pessoa deixar de fumar, porque é que ele vende?” “Não é proibido vender álcool porque não faz tão mal como a droga”
	Economia	“O Estado autoriza a venda de tabaco para ganhar dinheiro”
	Consequências para o sujeito	“Se não é legal as pessoas gostam disso, dá pica”
7. Disponibilidade das substâncias	Bairro do Cerco	<ul style="list-style-type: none"> - “Aquilo é cheio completamente, toda a gente sabe, a polícia também” - “Fazem do Cerco uma coisa monstruosa. Vende-se droga como noutros sítios”
	Escola	<ul style="list-style-type: none"> - “Vende-se na escola e os professores sabem” - Tomada de atitude dos professores face a alunos intoxicados na sala de aula. - “Cá é só fumadores”

Anexo 4

Pedido de autorização para realização do estudo

Prof. Doutor Jorge Negreiros
FPCEUP
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 – Porto

Exmo. Sr. Diretor do Agrupamento Vertical de
Escolas do Cerco do Porto
Rua Nossa Senhora do Calvário
4300 – 357 Campanhã

Porto, 19 de maio de 2010

Assunto: Pedido de autorização para estudo científico

No âmbito da dissertação de mestrado, do curso de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto pretende-se realizar um estudo no ano letivo de 2010/2011 sobre a relação entre atitudes e consumo de drogas.

Vimos por este meio solicitar a autorização de recolha de dados na população escolar da Escola Secundária do Cerco, pela cedência de uma aula de uma turma do 7º ano e outra de uma turma do 9º ano, em que será administrado um questionário, abrangendo dados demográficos, padrões de consumo e atitudes face às drogas, com a duração de cerca de 30 minutos, no sentido de validar a escala para estas faixas etárias. Depois deste procedimento, solicitam-se outras duas turmas do 7º ano, e duas do 9º ano, às quais será administrada a versão final do questionário. Numa fase posterior, depois do tratamento dos dados, iríamos solicitar ainda um número restrito de alunos para realização de dinâmicas de grupo, no sentido de aprofundar e clarificar alguns resultados.

A participação dos alunos será voluntária e confidencial, condicionada pela autorização dos Encarregados de Educação.

Agradecemos desde já a atenção de V.Ex.a, com os nossos melhores cumprimentos,

A orientanda:

O docente orientador:

Anexo 5

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação – estudo quantitativo


A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito do projeto de Mestrado Integrado em Psicologia, e em colaboração com o Agrupamento de Escolas do Cerco, irá realizar um estudo que se destina à análise de diferentes aspetos relacionados com a vida dos jovens, junto de alunos do 7º e 9º ano de escolaridade, durante o ano letivo de 2010/2011. Para tal, vimos por este meio solicitar a V. Ex.a que autorize o seu educando a participar.

Os dados recolhidos serão rigorosamente anónimos e confidenciais.

Agradecendo desde já pela sua colaboração,

O diretor do AEC,

A responsável pelo estudo,

_____ 

Autorização

Eu, _____,

Encarregado (a) de Educação do aluno (a) _____

_____, nº____, da turma ____, do ano ____ declaro que autorizo o meu educando a participar no estudo a realizar pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O (A) Encarregado de Educação

Data: ____/____/____

Anexo 6

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação – estudo qualitativo

A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito do projeto de Mestrado Integrado em Psicologia, e em colaboração com o Agrupamento de Escolas do Cerco, está a realizar um estudo que se destina à análise de diferentes aspetos relacionados com a vida dos jovens, junto de alunos do 7º e 9º ano de escolaridade, durante o ano letivo de 2010/2011.


Encontrando-se agora na última fase da investigação, vimos por este meio solicitar a V. Exa. que autorize o seu educando a participar numa entrevista/debate com outros colegas, a decorrer no dia 30 de maio de 2011 pelas 10h10, em sala a designar, nas instalações da Escola Secundária do Cerco, com uma duração de cerca de 45 minutos.

Os dados recolhidos serão rigorosamente confidenciais, procedendo-se à gravação áudio, para fins científicos.

Agradecendo desde já pela sua colaboração,

O diretor do AEC,

A responsável pelo estudo,

_____ 

Autorização

Eu, _____,

Encarregado (a) de Educação do aluno (a) _____

_____, nº____, da turma ____, do ano ____ declaro que autorizo o meu educando a participar na entrevista/debate a realizar pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O (A) Encarregado de Educação

Data: ____/____/____
